

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

ANO 02 | NÚMERO 07 | NOVEMBRO DE 2020

A IGREJA, E O DESAFIO DA CONTEXTUALIZAÇÃO



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

Ano 02 | Número 07 • 2020

PRÁXIS MISSIONAL

Ano 02| Número 07 • 2020

Dossiê: A Igreja e o Desafio da Contextualização

Editor chefe: Jonathan Menezes

Conselho consultivo: Jorge Henrique Barro / William L. Lane / Marcos Orison / Wander de Lara Proença / Antonio Carlos Barro

Design gráfico: Daniel Menara

Diagramação: Mauro S. R. Teixeira

Conselho de Referência:

Alan Brizotti

Antonio Carlos Costa

Armando Bispo

Magali N. Cunha

Márcio C. Leal

Maurício Cunha

Robinson Jacintho

Ruth Padilla Deborst

Sérgio Queiroz

Timóteo Carriker

Valdir Steuernagel

Wilson Costa dos Santos

Uma publicação da ***Faculdade Teológica Sul Americana***

A Revista Práxis Missional visa contribuir com a prática cotidiana da Missio Dei (missão de Deus) e dos múltiplos ministérios do povo de Deus, priorizando temas relacionados à Teologia Prática (em suas vertentes missional e pastoral), em sua vocação de construir pontes entre uma teologia bíblica e contextual, mais formalmente elaborada, e a prática missionária e ministerial da Igreja e dos cristãos. Prioriza ainda o diálogo com abordagens que reflitam de modo prático sobre problemáticas que envolvem a vida da igreja brasileira e latino-americana.

Correspondência

Editora FTSA

Rua Martinho Lutero, 277 - Londrina-PR - 86055-870 - Tel./Fax: (43) 3371-0200

Endereço eletrônico: contato@praxismissional.com.br

Página na internet: www.praxismissional.com.br

SUMÁRIO

EDITORIAL

POR JONATHAN MENEZES.....05

ARTIGOS

E O VERBO SE FEZ LIVE? MALABARISMOS HOMILÉTICOS ENTRE O PÚLPITO E A WEBCAM

POR ALAN BRIZOTTI.....08

AS RESSONÂNCIAS DA COVID-19 NA IGREJA E SOCIEDADE E SEUS IMPACTOS NA REFLEXÃO DA FÉ

POR VANESSA CARVALHO DE MELLO.....19

CONTEXTUALIZAÇÃO PARA JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES PARA A LIDERANÇA LOCAL

POR FELIPE NAKAMURA.....30

A MENSAGEM DA CRUZ PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA E SEUS POSSÍVEIS SIGNIFICADOS A PARTIR DOS EVANGELHOS

POR MARIANA E. SCHIETTI.....42

DAS INTERPRETAÇÕES E REALIDADES: O DESAFIO CONTEXTUAL

POR ANDRÉ BORGES.....55



EDITORIAL

O ano de 2020 certamente ficará marcado como um dos mais difíceis já vivenciados na história humana, deixando marcas profundas no modo como nos comportamos, como interpretamos a realidade e como nos relacionamos uns com os outros, conosco mesmos e com nosso mundo. As lições que a nova condição de vida provocada pela pandemia do coronavírus deixam, porém, são incontáveis – se estivermos devidamente acordados para notar, é óbvio. Para muitas dessas possibilidades de aprendizado ainda nem sequer acordamos, já que ainda estamos no “olho do furacão” e uma vez que também se observa no comportamento das pessoas um cansaço dessa situação toda e o desejo de que as coisas voltem logo a ser como eram.

Compreensível. Porém, será esse o melhor cenário para a humanidade? Isto é, será razoável que saíamos dessa situação sem ter aprendido nada ou bem pouca coisa sobre nós mesmos? Que entremos em uma nova era desejando que ela se pareça muito com a antiga? Afinal, quem éramos nós antes disso tudo começar no início de 2020? O que estamos nos tornando enquanto essa situação perdura, e o que esperar de nós, humanidade, quando voltarmos a respirar o mundo fora de máscaras protetoras? Ao retirarmos as máscaras que nos ajudam a prevenir a propagação do vírus, retiraremos também aquelas que nos impedem de evoluir humanamente, como sociedade e também como Igreja?

Falando na Igreja, existem desafios particulares que a concernem também. Muitas comunidades precisaram se adaptar aos novos tempos, sem poder depender tanto do que acontece nos templos – realidade que vem mudando nos últimos meses com o retorno de encontros presenciais aqui e acolá. Mas definitivamente as igrejas tiveram que entrar de cabeça no modelo online e usar a criatividade para manter seus membros “conectados”, mesmo à distância. Terá sido essa uma experiência bem-sucedida? No começo provavelmente, mas num segundo momento nem tanto. Pessoas se fadigaram de lives e cultos online ao perceberem que estas são ferramentas úteis, mas nem sempre oferecem uma experiência qualitativa; além do fato de que nem todo mundo tem acesso fácil ao mundo virtual. Que oportunidades de

aprendizado e de reinvenção restam para as igrejas e seus líderes durante e após a pandemia?

Esse é um número que trata, ao menos parcialmente, desse tema. Quando convidamos autores e autoras para escrever sobre “A Igreja e os desafios da contextualização” não tínhamos ainda o cenário pandêmico à nossa frente. No meio do processo, fomos desafiados a pensar de que modo as igrejas podem contextualizar sua presença e atuação, bem como a proclamação do Evangelho em meio à pandemia. É o que se propuseram a fazer Alan Brizotti e Vanessa Carvalho, pela ótica da pregação e do cuidado terapêutico respectivamente, nos artigos que abrem o número. Além deles, Felipe Nakamura pensa o desafio de pastorear a juventude imersa em um contexto pós-moderno. Mariana Schiatti trata dos significados da cruz para a igreja contemporânea a partir dos Evangelhos, e André Borges finaliza o número com um olhar sobre os diversos modos de perceber e interpretar a realidade. Porque é a isso que esses tempos nos convidam, não é mesmo? Novas interpretações e novas práticas geram uma nova realidade.

Muito obrigado por escolher nossa revista e espero que aprecie a leitura.



Sobre o autor

Jonathan Menezes é Doutor em História pela UNESP/ Assis, além de Professor e atual Coordenador da Graduação Presencial da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: jonathan@ftsa.edu.br



GRADUAÇÃO EM

TEOLOGIA

Você também é
vocado(a) para servir
no Reino de Deus

INSCREVA-SE PARA A GRADUAÇÃO ONLINE

www.ftsa.edu.br



www.ftsa.edu.br



[43] 3371-0200



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA
Preparando Vidas para servir o Reino de Deus



[Práxis 07 (2020) 08-17]

E O VERBO SE FEZ LIVE? MALABARISMOS HOMILÉTICOS ENTRE O PÚLPITO E A WEBCAM

Por Alan Brizot

E O VERBO SE FEZ LIVE? MALABARISMOS HOMILÉTICOS ENTRE O PÚLPITO E A WEBCAM

POR ALAN BRIZOTTI

Todos os atenienses, como também os estrangeiros que ali residiam, não tinham outro interesse a não ser contar ou ouvir a última novidade.

(Atos dos Apóstolos 17:21)

Introdução

“Graças a Deus pela internet!”. Foi assim que determinado pastor, ferrenho opositor das novas tecnologias, abriu sua live. Parece que o jogo virou! A cena descrita serviu-me como um “gatilho” (expressão da moda no dialeto *webiano*) do conturbado momento pelo qual passa a igreja fora dos templos. A situação mundial, forjada pela pandemia do novo Coronavírus, fez do púlpito o itinerante do momento.

Segundo Keen (2012, p. 40):

A internet, que antes era apenas um canal para distribuições de informações impessoais, hoje é uma rede de empresas e tecnologias, concebida em torno de produtos, plataformas e serviços sociais – transformando-se, de uma base de dados impessoal, num cérebro digital global que transmite publicamente nossas relações, intenções e nossos gostos pessoais.

Alguns questionamentos começam, inevitavelmente, a surgir: a webcam virou o novo púlpito? O lugar do púlpito (não a situação) vai desaparecer ou apenas enfrentar a mutação do momento e voltar triunfante? Aquele pregador de linguagem rebuscada e sermões homiléticos clássicos permanecerá ou entrará para a história das espécies em extinção? A pregação triunfalista e apaixonada pelo discurso emotivo-motivacional vai permanecer? O horizonte que nos aguarda é convidativo?

Esses questionamentos aguçam a perspectiva e agitam o já tumultuado horizonte das inquietações. O exercício da pregação está enfrentando uma série de desafios: o desafio de outro ambiente – o virtual, por exemplo. Um

lugar de percepções outras, sobretudo, no tempo e espaço da mensagem. Outro desafio que se apresenta está nas limitações de ordem técnica, na falta de habilidade e costume na utilização do computador, do celular e demais aparatos de mídia. A famosa frase “os tempos mudaram” nunca fez tanto sentido, e nunca assustou tanto.

A amplitude da nova plateia também é parte da complexidade: gente de todos os lugares e idades, acostumada ao movimento frenético do oceano virtual: pouca atenção, infinita variedade e um cardápio que vai alucinadamente do bizarro ao lendário. Uma espécie de mal-estar nietzscheano-freudiano paira sobre o nosso tempo: nas conversas, no exercício escatológico, na sensação de impotência e, sobretudo, na frágil esperança de uma vacina ou de um descanso.

O atual momento também provoca mudanças drásticas na própria postura e atividade pastoral. A situação dos pastores é, no mínimo, curiosa, uma vez que, de uma hora para outra, tiveram de se “transformar” em *YouTubers*, além da dificuldade em lidar com uma ínfima parcela das pessoas que estavam ao seu alcance. Acostumados, muitos deles, aos auditórios lotados, agora falam, tristemente, com um auditório imaginário, virtual, cuja interação vai dos comentários (por vezes, maldosos) ao quase caridoso “like”. Isso sem falar nos *haters* e sua máscara preferida: o anonimato.

Meu olhar, neste texto, é para essa janela histórica que balança o púlpito e sacode a homilética. É uma tentativa de compreender, ainda que de modo elementar, os malabarismos feitos pelos pastores e pregadores obrigados a se reinventarem. Tudo é novo nesse momento, entretanto, toda novidade traz, em si mesma, as possibilidades para a glória ou o caos.

Malabarismo conceitual: a salada semântica está servida!

O cenário contemporâneo é propício aos malabaristas¹, pois muitos se apresentam como os “profetas desse tempo”, aqueles que descobrem mistérios, desvendam pistas da ação celestial, leem a gramática escatológica

¹ Entendo como “malabaristas”, nesse contexto, aqueles que usam e abusam dos símbolos e da linguagem imagética, assim como do imaginário popular, para alardearem seus conceitos, teorias e insinuações.

e, sobretudo, possuem as chaves, os segredos, os códigos. A busca pelo discernimento dos tempos e eras não é nova, mas parece acentuar-se sempre que algo novo surge no horizonte da história.

Uma das causas para essa frenética procura pelas cifras e mistérios está em um erro comum, mas ainda muito cometido: focalizar o alvo errado. A constante procura em “ler as entrelinhas”, captar “o que Deus está dizendo”, ou “decifrar os sinais do fim”, fatalmente transforma-se em distrações do verdadeiro alvo: Cristo! Ele é o nosso alvo – Ele deve ser sempre a nossa chave hermenêutica e fundamento homilético –, a busca intensa e obsessiva por outras lentes interpretativas, é um sinal claro da nossa falha em olhar para Jesus.

Observe o que disse Wright (2020, p. 29):

O Novo Testamento insiste em colocar Jesus como imagem central e expandir a partir dele. No momento em que nos encontramos olhando para o mundo ao nosso redor e tirando conclusões sobre o que parece que Deus está fazendo, *mas sem olharmos cuidadosamente para Jesus*, corremos um sério risco de forçar uma “interpretação” que soa atraente, “espiritual” e inspiradora, mas que, na verdade, tira Jesus de cena. No velho dizer cristão: se Jesus não é senhor de tudo, então não é senhor de nada. (ênfase do autor)

O cardápio de expressões e candidatos a clichês é cada vez mais plural, polifônico, diversificado: “novo normal”, “culto on-line”, “cultos drive-ins”, “ceia virtual”, e até a plasticidade semântica da “ciber comunhão”. Os “chamados para fora” parecem não saber o que fazer com o “fique em casa”. Muitos estão vivendo um desconfortável Atos 2.46. A confusão da linguagem apenas escancara a Babel da interioridade, a complicada tarefa de tentar ler o tempo para não ser mais um “filho de Chronos” devorado pela fome dos fatos.

Esse exercício malabarista também pode ser visto em outra arena: a relação com a mídia e o estranho corpo *mediático* de Cristo. O que vemos é um jogo de novidades: de um lado, gente buscando o *insight*, a iluminação que mostrará o futuro brilhante; do outro, aqueles que se rendem ao desespero e

balbuciam um depressivo “Maranata!”. A geração do malabarismo semântico é muito parecida com os atenienses de Atos 17.21.

Essa busca frenética pelo “discernimento” serve como camuflagem dos medos. Muitos estão em pânico diante da verdade que a pandemia expôs: o fracasso dos discursos triunfalistas e mágicos. A vida, com suas tramas e dramas, não reconhece a falácia dos profetas de obviedades. Falta-lhes coragem para assumir que o profetismo do sucesso fácil é apenas ilusão. Os profetas da vitória constante não sabem o que é a dimensão bíblica do lamento.

Temos uma profusão de profetas que se dedicam a uma multifacetada engenharia do amanhã: visões, sonhos, positivismo gospel, tudo na tentativa de se antecipar ao desconhecido, contudo, faltam os profetas do lamento: aqueles que choram as lágrimas da misericórdia e consagram seu coração às mesmas causas do coração de Deus. O mundo chora amargamente e, se nós, como igreja, não temos sensibilidade suficiente para “chorar com os que choram” (Rm. 12.15), que diferença a nossa mensagem fará? No púlpito ou na webcam, ainda é um coração quebrantado que sinaliza transformações.

O superficial e o desafio do tempo: o looping das velhas discussões

Os caçadores de novidades da Atenas pós-moderna são frenéticos, ávidos pela próxima “onda”, o outro “envio” mais radical, a nova “febre” que durará até o próximo “cancelamento” numa cultura que descarta e despreza com a mesma facilidade de Pilatos para lavar as mãos. É por isso que temos, na mentalidade evangelicalista contemporânea, o estranho “conceito” de avivamento descartável: aquele pequeno êxtase com data de validade cada vez mais apertada.

A experiência da informalidade nas lives tem muito desse momento líquido: uma verdadeira batalha pela atenção cada vez mais impaciente de quem habita o outro lado da conexão. É comum vermos pastores e pregadores tentando criar métodos, técnicas ou fórmulas que possam atrair – e manter – a atenção do seu vulnerável público. Quando a lógica de vendedor invade a homilética, o púlpito vira balcão, e a webcam, vitrine.

Se fizermos uma análise sobre a relação conteúdo/tempo do que tem sido pregado nas lives, a sensação é de confusão e perplexidade. De um lado, temos alguns pastores reproduzindo na ambiência virtual a mesma dinâmica do templo, porém, espremida nos poucos minutos de atenção do público e de efetividade dos aplicativos. Do outro lado, um público cada vez mais desinteressado, volúvel, sob a perspectiva dos frequentadores de *shopping* e sua inconstância imediatista.

Conversei² com alguns pastores e pregadores sobre as suas percepções da pandemia e, principalmente, das lives. Muitos responderam, basicamente, com a mesma ideia: tudo é muito novo, portanto, ainda não há grandes percepções ou ideias elaboradas. Pontuaram a oportunidade e o fato positivo de ter algum meio de comunicação com o povo sob seus cuidados. Houve quem reclamasse da superficialidade de algumas mensagens, das dificuldades técnicas em relação ao manejo das mídias e, também, quem pontuasse a certeza de rever conceitos, investir em melhoramentos no departamento de mídia de suas igrejas e até mesmo, fazer cursos visando o aperfeiçoamento de sua comunicação.

Edson Júnior, pastor da Logos International Church, em Brighton, Inglaterra, disse-me, em uma proveitosa troca de mensagens, o que considera um dos grandes problemas apresentados na confusão homilética contemporânea:

Nos últimos meses, milhares de lives foram produzidas por famosos e anônimos, porém muitas das mesmas revelaram um problema gritante do meio evangélico: a superficialidade de muitos que se propõem a falar e a compartilhar da fé. Veja que o problema não é a simplicidade. Por vezes, há mais profundidade nos que são considerados ‘simples’ do que nos que falam do alto da plataforma da ‘fama’, os quais, ao falarem, revelam que o que possuem é apenas a aparência, usada como uma máscara que visa disfarçar o que realmente são: vazios de Cristo e da compreensão do evangelho.

² Durante uma semana, pedi a alguns amigos pastores e pregadores, no Brasil e exterior (Europa e Estados Unidos), via WhatsApp, que dissessem quais eram suas percepções dessa quarentena e do fenômeno das lives. Não foi uma pesquisa, propriamente, mas tive um bom retorno. Conversei com mais de 30 pastores e pregadores, homens e mulheres, com idade entre 30-65 anos, nos dias 9-15 de julho de 2020.

São hábeis na arte da ‘pirotecnia das expressões de efeito’, mas totalmente atabalhoados e perdidos quanto a essência do que dizem crer.³

Lourival Dias Neto, pastor presidente da Assembleia de Deus Madureira, em Sobradinho-DF, também opinou:

O manejo das redes sociais não é tarefa fácil, especialmente para quem, de repente, se viu obrigado a lançar mão dessas ferramentas. Combinar conteúdo com a forma de apresentá-lo em redes sociais, tem sido o grande desafio para pastores e pregadores. Tem muita coisa boa acontecendo, boas mensagens, mas muita produção desprovida de conteúdo, que apenas reverberam o que já foi dito, mas de uma forma pobre, tornando a pregação repetitiva.⁴

As velhas discussões não faltaram: os exageros “proféticos” e suas teorias da conspiração, as escatologias do desastre e da fuga, os exageros de leitura histórica que chegam ao cúmulo de acreditar (e pregar!) que os termômetros digitais infravermelhos são “coisas do anticristo”, “instrumentos para a marca da Besta”, dentre outras leituras exageradas. O *looping* das velhas discussões alimenta-se das mesmas dinâmicas: a busca incansável pela compreensão de todos os fenômenos, o que não passa de uma tentativa inevitável de assumir o controle. Parafraseando Bauman (2017) o “pêndulo” parece demorar mais do lado superficial.

E agora, irmão Zé?

O desafio de pregar em “reuniões on-line” veio para ficar? Muitos já começam a fazer esse questionamento. Não é fácil para os pastores e pregadores acostumados ao *modus operandi* dos cultos presenciais, suprirem a demanda cada vez maior e mais intensa do público. A “intimidade virtual” não parece ser, de fato, intimidade. O que temos visto é uma aproximação tecnológica, encontro sem presença, ao menos física, sem calor. A interatividade mecânica tem se mostrado apenas um simulacro, efeito plástico. O grande

3 Mensagens trocadas via WhasApp, entre os dias 9 e 15 de julho.

4 Idem

perigo desse momento é o que se vislumbra somente quando temos coragem para olhar mais a fundo, além da tela do celular ou da cultura da imagem: o risco de nos tornarmos especialistas em distâncias, assim como já somos em vazio. Muitos estão convivendo com uma dúvida cruel: como colocar a máscara, uma vez que nunca tirou?

A geração da *infoxicação* – aquela enfermidade da alma adquirida pelo excesso de informação – caminha a passos largos para o precipício da desumanização. É a comunicação sem afeto, a fala sem voz, tudo pelo aparelho, sem abraço, sem vida. A conexão sem presença, o toque na tela, não no rosto. O exercício de uma estranha desencarnação, reverso de Cristo.

Dentre tantas carências que este tempo expõe, uma se destaca: carecemos de pregações bíblicas, cristocêntricas. O conteúdo da nossa mensagem não pode se tornar um refém da estética da novidade, seu poder está justamente na eficácia em todos os tempos. É preciso resgatar o valor homilético das relações. Saber que o público que nos ouve, que está nas lives, não é uma abstração tecnológica, um algoritmo, um número, uma estatística – é gente! Nossa gente! Como disse Mendonça (2017, p. 21): “(...) necessitamos reaprender o aqui e agora da presença, reaprender o inteiro, o intacto, o concentrado, o atento e o uno”.

O mundo está atônito perante o próprio momento. A pandemia mostrou que é preciso desacelerar, reaprender a graça da humildade e descer do pedestal. As Olimpíadas, a UEFA Champions League, grandes eventos e milhares de shows foram obrigados a parar, a interromperem a roda do mercado, estilhaçando a vidraça da arrogância. O mundo parou! A face desesperadora das inquietações tornou-se o retrato de uma geração. Segundo Kreeft (2015, p. 27): “Das vinte e uma civilizações que já existiram no nosso planeta de acordo com o cálculo de Arnold Toynbee, a nossa, o ocidente moderno, é a primeira que não tem ou não ensina aos seus cidadãos qualquer resposta para a questão do porquê existem”.

A situação de púlpito a que a *webcam* está exposta, pode se tornar um canal de alento, de encontro com a Palavra e com o descanso para a alma aflita. Acredito que o foco dos pastores e pregadores deve ser amorosamente

alterado: ao invés da preocupação exacerbada com os que *não estão* ativos, é preciso valorizar *os que lá estão*, aqueles que, mesmo não gostando tanto da experiência, lutando para se contextualizarem, ainda honram seus líderes e lhes dão o privilégio de sua atenção.

O horizonte ainda é nebuloso, as marcas desse momento histórico ficarão. Minha oração é no sentido de que a nossa pregação aprenda lições valiosas. Que não sejamos condenados pelo pecado de desprezarmos um tempo tão propício ao aprofundamento das nossas bases. Que tenhamos novas percepções, profunda sensibilidade e mais cuidado. Acredito que a nossa linguagem e postura sofrerão ajustes e influências transformadoras. Oro para que a mutação da homilética gere um pregador mais consciente do que é o púlpito, ainda que seja pela webcam.

A comunicação e o envolvimento com as pessoas, no âmbito eclesial, passarão por profundas transformações. Os questionamentos sobre a identidade da igreja, sua missão e lugar no mundo, nunca foram tão necessários. A amplitude da vocação pastoral e a dimensão querigmática, atravessam seu grande momento de afirmação e reflexão. A pergunta de Paulo em Romanos 10.14, “como ouvirão se não há quem pregue?”, curiosamente, hoje, seria numa outra direção: *O que ouvirão, quando todos pregam?*

Comblin (2012, p. 305), em seu comentário sobre o texto de Atos 17.21, faz uma declaração extremamente atual: “Antes mesmo que Paulo comece a falar, os ouvintes já tomaram posições. Não procuram a verdade, mas apenas querem brincar com as ideias”. Infelizmente, grande parte do contingente midiático não quer aprender as verdades da Palavra, nem mesmo aprofundar a comunhão com os irmãos. Muito do que se via nos templos lotados não era um corpo coeso e “bem ajustado” (Ef. 4.16), mas uma ilusão de ótica, um efeito do ego, cuja etiqueta sempre foi amada e buscada avidamente: multidão.

O que vemos na atual “praça ateniense” é quase um *déjà vu* lucano-paulino: os ouvintes da Atenas domiciliar contemporânea, ajeitando suas confortáveis almofadas, prontos para “brincar com as ideias”, enquanto fazem outro pedido pelo aplicativo de entregas preferido.



Sobre o autor

Alan Brizotti é graduado em teologia, poeta e psicanalista. Escritor com 20 livros publicados. Professor e pesquisador das áreas de teologia, filosofia e psicanálise.

Contato com o autor: alanbrizotti@hotmail.com

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. DESSAL, Gustavo. *O retorno do pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COMBLIN, José. *Comentário Bíblico Latinoamericano do Novo Testamento. Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

KEEN, Andrew. *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KREEFT, Peter. *Três filosofias de vida*. São Paulo: Quadrante, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.

WRIGHT, N. T. *Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o Corona vírus e suas consequências*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.



FTSA

Graduação em Teologia Presencial

Nossa Missão é ajudar você a cumprir a sua

Venha para a FTSA e tenha uma experiência que vai mudar a sua vida

 (43) 3371-0200  www.fts.edu.br

Rua Martinho Lutero, 277 | Gleba Palhano - Londrina - PR



[Práxis 07 (2020) 19-28]

AS RESSONÂNCIAS DA COVID-19 NA IGREJA E SOCIEDADE E SEUS IMPACTOS NA REFLEXÃO DA FÉ

Por Vanessa Carvalho de Mello

AS RESSONÂNCIAS DA COVID-19 NA IGREJA E SOCIEDADE E SEUS IMPACTOS NA REFLEXÃO DA FÉ

POR VANESSA CARVALHO DE MELLO

Lado a lado: discurso e prática

Ninguém discute que a relação entre igreja e o desafio da contextualização sempre existiu ao longo da história. O modo como as comunidades de fé se apresentam em resposta às mudanças que a sociedade experimenta está, de certo modo, condicionado a um salto de qualidade em suas ações, na forma como elas se inserem e no papel que devem assumir no mundo, seja como protagonistas ou envolvidas em esforços coletivos com outros grupos.

Embora os eventos preocupantes dos últimos meses estejam diretamente ligados ao surgimento de um vírus letal, há de se concordar que a pandemia é um evento eminentemente social. Assim sendo, vários comportamentos antropológicos têm atraído a atenção da mídia, a exemplo da procura exacerbada por papel higiênico nos supermercados logo no início do distanciamento social, os aplausos nas janelas em homenagem aos profissionais da saúde, a avalanche criativa de memes nas redes sociais, o surgimento de eventos virtuais de todos os tipos, etc.

A nova realidade social vivida desde o surgimento da pandemia introduziu modificações significativas também na dinâmica da relação entre as igrejas e a sociedade, produzindo novos fenômenos religiosos e novas orientações, perplexidades e interrogações para os aparatos religiosos tradicionais.

Em meio a este contexto, comportamentos religiosos chamaram a atenção, em particular, os de algumas igrejas evangélicas que no início da pandemia foram identificadas como canais de propagação do vírus, a exemplo do caso da igreja evangélica *The Christian Open Door*, localizada no distrito de Bourtwiller, em Mulhouse, cidade francesa na fronteira com a Alemanha. A princípios de março, tal igreja foi identificada pelas autoridades sanitárias

locais como uma importante fonte de contaminação da COVID19 logo após o encontro de mais de 2.000 fiéis entre 17 a 24 de fevereiro para uma semana de jejum e oração.

No Brasil, comportamentos resistentes às medidas de distanciamento social ocorreram por parte de alguns pastores evangélicos, chamando à atenção da mídia. Segundo relatou o jornal El País em março de 2020, o pastor Silas Malafaia, da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, afirmou que só fecharia sua igreja por ordem da justiça. Embora a justiça estadual do Rio de Janeiro tenha negado o pedido, o Ministério Público do Estado ajuizou uma ação civil pública proibindo o pastor de realizar aglomerações e prevendo multa por desobediência.¹

Estes e outros comportamentos religiosos se apresentam no contexto atual como chave de reflexão analítica sobre um fenômeno global que despertou medo, dúvidas e resistência quanto às medidas de isolamento social por parte de alguns setores da sociedade, não obstante, é importante ressaltar que doenças e religiões sempre tiveram laços estreitos e, no contexto atual, é natural que os indivíduos tenham a igreja como canal de esperança e de orientação sobre a melhor maneira de agir individual e coletivamente, afirmando seu papel e referência de ser *ekklesia*².

Lado a lado: igreja e pandemia

A epidemia, enquanto método de observação histórico, apresenta características de um fenômeno coletivo que exige olhar múltiplo para

1 Em março de 2020, o jornalista Breiller Pires, apresentou uma reportagem que salienta o comportamento de algumas igrejas que desafiaram recomendação de suspender missas e cultos diante da pandemia do coronavírus. São Paulo sugere cancelamento de encontros religiosos. Cúpula católica no Estado fala em aumentar missas para minimizar contato. Pastor Silas Malafaia, no Rio, promete manter culto. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-20/igrejas-desafiam-recomendacao-de-suspender-missas-e-cultos-diante-da-pandemia-do-coronavirus.html> Acesso em: 10/07/2020.

2 Os gregos usavam a palavra *ekklesia* para se dirigir a um ajuntamento de cidadãos para fora dos seus lares, isto é, para um lugar público. Geralmente essa reunião era usada para deliberar algum tema social, político, filosófico, etc (Atos 19:39). No cristianismo primitivo se aplicava a expressão *ekklesia / ἐκκλησία* para fazer alusão às reuniões que aconteceram após a morte e ressurreição de Jesus. Os cristãos se reuniam com frequência, principalmente, nas casas, o que se entende por igrejas domésticas. A expressão também foi usada na literatura paulina para descrever a Igreja na sua totalidade, o que Paulo chama de *corpo de Cristo*.

diversas atenuantes como o medo, a dúvida, a incerteza e as mortes que são mostras visíveis do que representa a crise pandêmica no contexto atual. As epidemias marcaram contextos históricos, desde o planejamento urbano, a saúde pública, até mesmo a linguagem e termos que são utilizados para fazer referência a algo de ruim, como o uso da palavra “praga” e seus associados: “pestilência”, “fedor” ou “pesticida”. A *Peste Negra* foi uma delas, que atingiu a Europa de forma terrível, conforme cita Barata (1987, p. 9-10),

A Peste Negra, pandemia de peste bubônica, do século XIV, provocou grande impacto na população dos países europeus. As citações seguintes demonstram as concepções à cerca dessa epidemia e as práticas preventivas e terapêuticas da época. “Devido a uma infecção do hálito que se espalhou em torno deles enquanto falavam um infectava o outro. e não só faziam morrer quem quer que falasse com eles como também quem quer que comprasse, tocasse ou tirasse alguma coisa que lhes pertencesse” (Michele Piazza, monge franciscano). “Como autodefesa não havia nada melhor que fugir da região antes que ficasse infectada e tomar purgativos de pilulas de aloés, diminuir o sangue pela flebotomia e purificar o ar pelo fogo, reconfortar o coração com o sene e coisas perfumadas e abrandar os humores com terra da Armênia e resistir à putrefação por meio de coisas ácidas” (Guy de Chauliac, médico). “Em meio a tanta aflição e a tanta miséria da nossa cidade (Florença) a reverenda autoridade das leis, tanto divinas como humanas, caia e dissolviasse. Os ministros e executores das leis, assim como os outros homens estavam todos mortos, ou enfermos ou tinham perdido os seus familiares, de modo que não podiam desempenhar função alguma. Por decorrência deste estado, era lícito a todos fazer o que bem lhes agradasse” (Boccacio).

A aflição humana decorrente de uma crise pandêmica naturalmente faz brotar a busca por um poder sobrenatural, fazendo-se necessário superar a visão de uma modernidade secularizada e totalmente desprovida de “Deus”. Ultimamente, pessoas e grupos têm questionado sobre qual a mensagem da igreja cristã frente a pandemia que assola todos os cantos do mundo. Tal questionamento se apresenta como uma busca de resposta esperançosa e segura de que Deus não abandona seu povo, embora uma experiência comum de aflição e impotência do desconhecido esteja evidenciado em

vários ambientes. O vírus da dúvida e da incerteza está presente tanto nos que se auto declaram cristãos, quanto nos que não contam com o auxílio do “sobrenatural”.

Ao mesmo tempo, é como se a pandemia convocasse o povo de Deus a ser diferente, é como se ela despertasse nos seres humanos a dúvida coletiva sobre como estes se comportarão e se organizarão quando a crise terminar, ou como os cristãos irão ressignificar certos comportamentos passados, enquanto igreja, frente aos desafios do mundo presente.

O contexto atual é desafiador para a igreja que se propõe a dialogar com os problemas atuais da sociedade e que se coloca como agente de cuidado no apoio às medidas que diminuem os riscos do contágio do COVID 19. O distanciamento social é, até o momento presente, o único método comprovadamente eficaz. Ele previne o contágio, o que é particularmente importante em um contexto em que não há, ainda, remédio que cure a doença ou vacina que imunize contra o vírus. Prevenir é cuidar, é preservar a vida. O psiquiatra argentino Ricardo Zandrino descreve o problema a ser enfrentado referente à falta de relevância da igreja ao propor o bem-estar do indivíduo e da sociedade da seguinte forma,

A presença da Igreja numa cultura, mesmo que seja representada por um único indivíduo sob a graça de Deus, preserva-a da destruição. E é neste momento que o povo de Deus precisa ser sal da terra e preservar a sociedade da decomposição, da enfermidade, da morte física e espiritual. (Zandrino, 1986, p. 57)

Importante ressaltar que há também um problema quanto a hermenêutica feita em relação à saúde integral por parte da igreja de Cristo já que, habitualmente se realiza um diagnóstico teológico e pastoral que favorece de maneira exclusiva a dimensão moral das pessoas e da existência cristã, silenciando outros capítulos importantes para uma investigação do encontro das necessidades globais como: cuidado, preservação e prevenção. Neste sentido, o mandamento bíblico de amar uns aos outros deve ser a pedra principal que fundamenta o ministério terapêutico do cuidado, que deve

incitar a igreja a cumprir o plano de Deus para todo ser humano: que este seja encontrado íntegro e irrepreensível.

Prover uma comunidade que cuide dos seres humanos como extensão do ministério terapêutico de Cristo é um dos desafios contextuais para a igreja hoje. É por meio da manifestação de amor da comunidade de fé a todos os seres humanos que as obras de misericórdia se refletem como compromisso de cuidado, o chamado para a igreja é a obediência demonstrada no amor irmanado na mesma vida e na mesma morte, conforme cita a teóloga Ivone Gebara (2020) em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos,

Religião em tempos de Covid-19 é sentir e saber que o mesmo vírus nos habita de muitas formas, a mesma mortalidade nos espreita, a mesma fome e a mesma sede habitam nossos corpos, a mesma falta de ar nos desfalece e que é preciso abrir as mãos para que os corações se abram e deixem o Covid desaparecer. Talvez assim ele tenha cumprido sua missão, a missão de nos lembrar o que havíamos esquecido, a de 'ser irmanados/as' pela mesma vida e pela mesma morte. Não se foge a essa condição esse é o segredo escondido em nós, gravado em todas as células de nosso ser, tatuagem perene e ao mesmo tempo provisória. É essa condição que nos identifica, que nos torna o que de fato somos: um caniço frágil que hoje respira e se move, mas que amanhã será estreme na renovação da terra/vida. Por isso os antigos gostavam de meditar sobre a morte, a minha e a dos outros para indicar a necessidade de agir sabendo que o mundo não me pertence e que essa breve ou longa vida entregará à terra seu último respiro para que a vida se renove e siga adiante.

O cuidado é uma atitude que convoca a igreja a irmanar-se pois para Deus toda a pessoa humana é sagrada a partir de sua natureza, e não de sua funcionalidade. Cada pessoa é, assim, a imagem do próprio Criador. Disso advém a dignidade inalienável de cada ser humano: cada vida é valiosa!

As narrativas de Jesus nos evangelhos provocam um compromisso da igreja com a saúde e a cura das pessoas, motivo pelo qual os questionamentos se a igreja de hoje está sendo contextual ou não com relação a seu chamado a cuidar e a prevenir a pandemia fica evidente. Embora as igrejas ofereçam

sacramentos, promovam cultos, preguem a palavra, restaurem os enfermos, nota-se uma negligência das mesmas à ordem de Cristo dada aos seus discípulos para a cura integral, haja vista que o que frequentemente ocorre é uma intervenção de forma espiritualizada, de modo que a dimensão física se perde. Portanto, compreender que todas as patologias, sejam elas do comportamento, físicas ou espirituais, necessitam de terapia e demandam salvação é necessário em momentos de crise pandêmica, para que a flagrante afirmação de que o mundo está sendo castigado “patologicamente” por Deus por conta do pecado do povo quanto à imoralidade sexual ou à falta de fé nos preceitos divinos não representem a mensagem central da desesperança frente à graça de Deus que é sinônimo de saúde. Francisco Álvarez (2013, p.230-231) ao analisar teologicamente o pecado enquanto patologia comenta:

A polarização entre os dois extremos da história da salvação (graça-pecado) não permitiu descobrir ali a dimensão saúde/doença. A graça tem suas tradições e expressões saudáveis (onde abundou a graça abunda também a experiência da saúde) mas não se identifica com a saúde. Tampouco a condição pecadora deve identificar-se com condição patológica do ser humano. Não raramente, no entanto, o diagnóstico pastoral (praticado no confessionário como na evangelização em geral) identificou como pecado o que seria bem considerado patológico ou patógeno, mais necessidade de cura que de perdão; ou não conseguiu descobrir as profundas aspirações de felicidade e de plenitude escondidas ou obscurecidas nos compartimentos considerados ambíguos e inclusive errados. As patologias do comportamento ou as patologias espirituais necessitam de terapia e, por consequência, de um esmerado diagnóstico, sensível não somente as conotações morais, mas também a demanda de salvação que ali se esconde.

Através da pandemia a igreja está sendo convocada a romper com a interpretação dicotômica de que saúde é para o corpo e salvação para alma, já que são conceitos gêmeos e fazem referência à integralidade do ser humano, e também desafiada a dar esperança em meio ao terror e orientar os fiéis quanto às medidas sanitárias.

Desafios contextuais

A crise pandêmica é um desafio para a igreja atual. Situações como esta levam os cristãos ao limite e permitem que cada um descubra o melhor de si, despertando a capacidade de empatia que antes não se tinha, de sentir a dor do outro, de se solidarizar e orar por aqueles que não conhecem de forma genuína e espontânea. Sor Lúcia Caram expressa em forma de oração esta empatia que antes do COVID 19 muitos não eram nem conscientes de que poderiam exercer conforme se observa,

[...] há em nós uma capacidade de empatia significativa, que nem éramos conscientes de ter. Hoje trago em minhas mãos o coração encolhido de tantas pessoas que sofrem impotentes a crueldade de um vírus que em um piscar de olhos os influenciou e os ameaça em deixá-los abandonado na sarjeta. Penso na respiração contida de quem espera boas notícias de um membro da família doente, que não termina de chegar e na angústia do pessoal de saúde que não aguentam fazer mais nada e, no entanto, ainda dão tudo de si. Aplaudo as pessoas que, nas estradas, supermercados, fábricas essenciais, estão deixando a pele para garantir que todos possamos atender às necessidades básicas e para que outros possam salvar vidas. Trago em meu coração uma corrente transbordante de solidariedade de tantas pessoas boas que saem nas varandas todas as tardes para prestar homenagem aos heróis dos serviços essenciais com quem vivemos, mas que antes estavam invisíveis. (Caram, 2020, p. 44, tradução minha)

Neste momento de enfrentamento ao tão cruel COVID 19, o desafio do povo de Deus é aceitar que a melhor forma de se prevenir é cuidando para que o próximo não se contamine, cuidando para que as pessoas de idade permaneçam em casa, usando máscaras para não contaminar, mantendo o afastamento social para que outros possam viver. É hora de a igreja exercer a empatia e de “se aproximar” do irmão/ã e ser provocativa no sentido de perguntar o que é possível fazer para que ele/a se sinta cuidado/a e aliviado/a neste momento tão obscuro, repartir luz é a deixa.

É hora de render homenagem aos heróis que sempre conviveram em meio ao povo de Deus, mas que eram invisíveis aos olhos da maioria: médicos,

enfermeiros, profissionais de serviços essenciais, familiares de enfermos e tantos outros que estão na linha de frente e continuam dando o seu melhor em favor de todas as vidas humanas. É hora de honrar a vida de cada um destes heróis que também são vítimas e em suas vulnerabilidades encontram coragem.

A pandemia desafia a igreja a assumir a carga da tristeza e da dor de muitas vidas, famílias, pessoas quebradas, enlutadas, que estão passando por solidão, agonias e choques experimentado pelas inúmeras perdas, estendendo as mãos e levando os fardos pesados uns dos outros para que se cumpra a lei de Cristo (Gl 6.2).

A pandemia desafia a igreja a ser contextual evidenciando o cuidado em todas as suas dimensões relacionais, pois a missão de Deus para a humanidade é o cuidado de si e do próximo. Participar da transformação de realidades em meio a uma crise global, implica em experimentar de uma transformação que se dá através do cuidado que começa nas profundezas do sofrimento humano, é lá onde se encontram pessoas vítimas de suas próprias agonias.

A pandemia desafia a igreja a descobrir Deus sofrendo com aqueles que sofrem e salvando com os que salvam (médicos, enfermeiros, pesquisadores, equipe de segurança, ONG e tantas pessoas de boa vontade). A pandemia desafia a igreja a se convencer de que “Nele vivemos, nos movemos e existimos, como disseram alguns dos poetas de vocês: também somos descendência Dele.” (At 17.28), portanto: Deus está em tudo e tudo está em Deus, ou seja, Deus não pode “não estar”, porque sem Ele o ser humano se aniquila. O esforço do cristão é aceitar que Ele continua presente!

Que Deus fortaleça a fé, a esperança e a caridade na igreja atual. Que a solidão hoje se torne solidariedade e que a igreja tenha coragem de pergunta repetidamente aos que sofrem: o que podemos fazer que alguém se sinta melhor?

Isolamento social não significa viver egoisticamente, recluso/a, alheio/a às dores das demais pessoas e do que ocorre fora da cidade/município onde a igreja está presente. Muito pode ser feito, pois o amor não tem fronteiras. É hora de cada comunidade cristã estruturar a sua diaconia, ampliar a sua presença servicial, praticar o cuidado integral com as forças e possibilidades

que ela possui. Não há padrão, norma ou exigência, pelo contrário, há uma enorme oportunidade para expressar a fé através do amor.

Que volte a alegria às ruas, que o sorriso nos olhos de cada um fure as barreiras das máscaras e que seja mantido os gestos de agradecimento e solidariedade que irmanam todas as criaturas. Que cada um possa sentir que a morte não tem a última palavra e que a igreja, expressão do povo de Deus, compreenda que todos estão ameaçados de Vida e Ressurreição! Disse-lhe Jesus: *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá* (Jo 11.25).



Sobre a autora

Vanessa Carvalho de Mello é Doutoranda em Teologia pela PUC/PR, e professora da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com a autora: vanessa.carvalho@ftsa.edu.br

Referências bibliográficas

ÁLVAREZ, Francisco. *Teologia da saúde*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BARATA; Rita de Cássia. *Epidemias*. Cad. Saúde Pública vol.3 no.1 Rio de Janeiro. 1987.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CARAM, Sor Lúcia. *COVID 19: Que vuelva la alegría a nuestras calles*. MA-Editores, 2020.

GEBARA, Ivone. *Religião e a pandemia Covid-19*. Instituto Humanitas Unisinos. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara> Acesso em: 20/07/2020.

ZANDRINO, Ricardo. *Curar também é tarefa da Igreja*. São Paulo: Nascente, 1986.



PÓS-GRADUAÇÃO

ONLINE NA FTSA

ESPECIALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
PARA ENFRENTAR NOVOS DESAFIOS



[Práxis 07 (2020) 30-40]

CONTEXTUALIZAÇÃO PARA JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES PARA A LIDERANÇA LOCAL

Por Felipe Nakamura

CONTEXTUALIZAÇÃO PARA JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES PARA A LIDERANÇA LOCAL

POR FELIPE NAKAMURA

E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. (Ef 4.11-13 NVI)

Introdução

Uma aspiração comum às lideranças cristãs é a de ter, em sua igreja, jovens que alcancem a maturidade da fé, pois pode ser um indicativo que permite a projeção de boas perspectivas para o futuro, tanto da igreja como dos próprios jovens. Porém, as transformações na pós-modernidade¹, são velozes e o trabalho de criar condições para que os jovens alcancem a maturidade é cada vez mais desafiador. As mudanças não acontecem somente nos campos tecnológico ou virtual, mas são paradigmáticas, ocorrendo, também, na cosmovisão.

Períodos de transformações podem causar receio, medo, retração e até mesmo aversão, porque representam ameaça ao *status quo*. De modo geral, o que é diferente causa incômodo. Especialmente no exercício de lembrar que o protestantismo se solidificou em um período de ênfase na objetividade, da ciência empírica reguladora, sistemática e controlada, que influenciou por séculos, e ainda influencia, a forma como a Bíblia é interpretada. Qualquer menção de mudança causa desconfiança, principalmente ao conhecer as características do pós-modernismo como, por exemplo, a resistência “às

¹ Apesar de ter um consenso a respeito dos termos, neste ensaio, seguiremos a compreensão de Grenz (2008). A pós-modernidade será entendida como a era emergente na qual vivemos. Já o pós-modernismo, será entendido como uma atitude intelectual e cultural presente na pós-modernidade, ou seja, possui relação com a forma de pensar e compreender o mundo.

explicações unificadas, abrangentes e universalmente válidas. Ele as substitui por um respeito pela diferença e pela celebração do local e do particular à custa do universal” (Grenz, 2008, p. 26).

Entretanto, é necessário compreender que, ao desejar que os jovens alcancem a maturidade da fé, é fundamental conhecer um pouco melhor as características do pós-modernismo, afinal, essa é a cosmovisão em que eles estão inseridos. É indispensável ter uma sabedoria paulina que consiga dialogar com os diferentes por meio de uma mensagem que faça sentido, que seja contextualizada (1Co 9.19-23). Contextualizar sempre é um desafio, qualquer que seja a mensagem. A mensagem de fé contida na Bíblia não é diferente, talvez seja até mais conflituosa, por conta do distanciamento temporal, geográfico e cultural. Assim sendo, quais reflexões podem ser feitas para que o trabalho com jovens aconteça de maneira contextualizada na pós-modernidade, a fim de que alcancem a maturidade?

O objetivo deste ensaio é propor reflexões sobre temas e ações contextualizadas para jovens na pós-modernidade. Não estou preocupado em soluções imediatas ou indicar algum modelo a ser seguido, antes, pretendo instigar uma reflexão para que cada líder discuta com sua comunidade e pense em possibilidades para sua realidade local. Isso será realizado a partir de duas frentes: a) observação de alguns aspectos do pensamento pós-moderno; e, b) possibilidades de temas e ações contextualizadas para jovens na pós-modernidade.

Aspectos da pós-modernidade

Para que uma contextualização atinja seu objetivo, o emissor precisa saber quem são seus receptores. Vejamos um exemplo bíblico em Atos 2, no discurso de Pedro. Ele fala em Jerusalém para pessoas que já sabiam, ou pelo menos já tinham ouvido falar, quem era o profeta Joel e o rei Davi, e conseguiu contextualizar sua mensagem, pois todos também sabiam quem era Jesus de Nazaré (cf. Lc 24.18). Da mesma forma, conhecer melhor os aspectos do pensamento pós-moderno, trará algumas pistas para o trabalho com os jovens.

O pensamento pós-moderno envolve transformações desde o campo das artes, das expressões culturais, até ao campo científico. Por se tratar de um tema amplo e com alterações radicais, não serão abordadas, aqui, suas origens e nem mesmo será feita a tentativa de esgotar a temática neste ensaio. De acordo com John Daniel (2003, p. 331): “O pós-modernismo não é um quadro coerente de conceitos erigidos em torno de um princípio central. Se o modernismo era, essencialmente, objetivo, o pós-modernismo é, em grande parte, subjetivo”. Sendo assim, as grandes narrativas, verdades universais compreendidas como sólidas, são deixadas de lado para dar lugar às narrativas e verdades locais, o que remete a terminologia utilizada por Zygmunt Bauman, “mundo líquido”. Considerando isso, este ensaio se limitará a alguns aspectos mencionados por John Daniel (2003) e Stanley J. Grenz (2008) sobre o fenômeno em questão.

Apesar de não ser um quadro com fronteiras bem estabelecidas, a ruptura radical no pensamento pós-moderno com o pensamento moderno, pode ser elencada como uma tônica. O iluminismo trouxe um ideal de progresso inevitável diante das descobertas e consolidação da ciência empírica, porém, os pós-modernos têm dificuldades para enxergar que o futuro será necessariamente de avanços e são tomados pelo pessimismo de que talvez o mundo não será um lugar razoável para se viver. Isso exerce influência para que as questões ambientais sejam uma grande pauta na atualidade, o reflexo disso pode ser observado no apelo para soluções ecologicamente sustentáveis. Nas últimas décadas, a percepção sobre os recursos naturais mudou consideravelmente e, diante disso, vemos, por exemplo, multinacionais organizando ações de cooperação em prol do meio ambiente, ainda que com interesses capitalistas por trás, acabam sendo um reflexo do pensamento de cuidado com a Terra e preservação da espécie humana.

A preocupação com a preservação da espécie pode ligar a outro aspecto do pós-modernismo: a aproximação de um pensamento holístico, integral. É o pensar na espécie humana, não somente no “eu” como um indivíduo no

mundo. Além disso, esse pensamento holístico, não considera o ser humano apenas a partir da sua racionalidade, mas envolve outras dimensões da vida pessoal e relacional, como os sentimentos e intuições. Conforme diz Grenz (2008, p. 28): “Os pós-modernos não procuram ser indivíduos totalmente dedicados a si mesmos, desejam, isto sim, ser pessoas ‘completas’”. Ou seja, vão além do individualismo e racionalismo moderno e possuem um olhar amplo e comunitário. Neste ponto, é possível levantar um paradoxo bastante curioso, que é a não aceitação de verdades universais e grandes narrativas, buscadas pelo modernismo. Ao mesmo tempo em que os pós-modernos pensam comunitariamente na humanidade e no ser humano como alguém complexo, rejeitam o estabelecimento de uma verdade² para todos.

A explicação para esse paradoxo está na consciência de grupo e nas narrativas locais. A verdade se torna relativa ao grupo que participa, não é vista como universal, mas a partir da narrativa local, traz sentido e significado ao grupo, isto é, possui um aspecto funcional. Nos anos 1990 e 2000, os filmes norte-americanos adolescentes retrataram bem a ideia das “tribos”: os excluídos, os populares, os esportistas, por exemplo. Cada participante do grupo se preocupa com a manutenção do grupo e mantém a fidelidade à verdade do grupo. Aqui estão outras três características importantes no pós-modernismo: grupos ou comunidades, pluralidade e relativismo.

Como cada comunidade possui sua própria verdade, há pluralidade de grupos. Não é muito difícil fazer um paralelo com as igrejas evangélicas no Brasil atualmente. A cada esquina há uma igreja diferente, com uma doutrina diferente e um modo diferente de vivenciar a espiritualidade. Ao lermos essas características, talvez fiquemos impressionados de como já vivenciamos o pós-modernismo sem muitas vezes percebê-la. Apesar do misto de receio, medo e aversão, diante dessa percepção de imersão, podemos abaixar nossos escudos de resistência e tentar elaborar reflexões com temas e ações contextualizadas para os jovens.

2 Essa não é uma referência aos textos bíblicos do Evangelho de João. A verdade, neste caso, é referência as leis universais da matemática e outras ciências exatas que foram aplicadas nas ciências sociais no modernismo, conforme aborda Boaventura de Sousa Santos (2008).

Possibilidades de temas e ações contextualizadas na pós-modernidade

Talvez uma pergunta que todos os líderes queiram e estão tentando responder é: como desenvolver um trabalho com os jovens de maneira contextualizada na pós-modernidade sem ser relativista? Daniel (2003) descreve um pós-moderno como alguém que pode ter, em um mesmo dia, práticas religiosas e alimentares que são completamente diferentes entre si, sem se preocupar com isso. Grenz (2008, p. 30) complementa afirmando que não há problema para um pós-moderno “misturar elementos de sistemas de crenças tradicionalmente considerados incompatíveis”. Junto com tudo isso, ainda há um agravante: a dificuldade de pensar em propostas contextualizadas considerando que os jovens vivem uma mistura do que é pré-moderno com o moderno e o pós-moderno (Daniel, 2003).

Ainda assim, parece ser possível refletir sobre alguns caminhos a partir de características do pós-modernismo para pensar em contextualização. Um dos caminhos é relacionar temas bíblicos para trabalhar. Outro caminho seria pensar em ações. Como temas, é válido elencar: o cuidado com a criação, a coletividade e a diversidade. Como ações ligadas aos temas, é pertinente citar: a interdependência, conforme Efésios 4.11-13, e a leitura bíblica comprometida integralmente com o senhorio de Jesus.

O cuidado com a criação é uma diretriz que se demonstra necessária e já tem sido apontada como uma temática a ser trabalhada, como fez Justo González (2014), que colocou o diálogo Teologia e Ecologia como um desafio para o pensamento cristão no século XXI. Ao abordar o assunto, propôs uma revisitação ao texto de Gênesis como ponto de partida para tratar essa relação na atualidade. Segundo ele, o domínio que Deus dá ao ser humano sobre a criação “está atado à imagem e semelhança de Deus. Não é um senhorio despótico, que se possa exercer para a morte e para a vida. É senhorio em semelhança ao senhorio de Deus” (González, 2014, p. 38).

Ao observar a crítica do pós-modernismo em comparação com o modernismo na questão ecológica, é fácil identificar que a irresponsabilidade do ser humano para com o meio ambiente é a principal crítica. Os recursos naturais, vistos como inesgotáveis nos séculos anteriores, já não parecem

tão inesgotáveis assim. Diante disso, será que uma mensagem de confissão e arrependimento pela forma como a criação de Deus é tratada, não se faz necessária hoje? “A esperança cristã não é apenas escatológica, mas, ao mesmo tempo, também ecológica” (González, 2014, p. 51).

Um ensino bíblico que envolva o cuidado com a criação de Deus parece ser contextual, ainda mais considerando que, para que algo seja realmente efetivo, é necessária uma ação coletiva, pois, ninguém consegue uma mudança significativa sozinho, mas compartilha a responsabilidade com outros. Isso faz pensar sobre o que Grenz (2008) diz: que o caráter do evangelho cristão na pós-modernidade é pós-individualista. Conforme falado anteriormente, o pós-modernismo possui uma concepção de comunidade. Sendo assim, é válido abordar o tema da espiritualidade em seu caráter coletivo, comunitário, social. Isto é desafiador, ainda mais considerando que os relacionamentos da pós-modernidade podem assumir um caráter apenas funcional, ou seja, me relaciono apenas enquanto o outro me é útil.

Na modernidade, muito se enfatizou o individualismo, porém, é possível buscar, na temática da Trindade, uma revelação do relacionamento comunitário, como propõe Ricardo Barbosa de Sousa (2017). Assim como González (2014), Sousa (2017) também ressalta a importância de olhar para a criação em Gênesis. Parece ser importante voltar aos textos sobre a criação e fazer uma releitura dos propósitos divinos. “A *imago Dei* plantada no homem no ato da criação é a imagem da Trindade, a qual é, na sua essência, comunitária” (Sousa, 2017, p. 53). Muito se pode aprender e compartilhar sobre uma espiritualidade comunitária baseada na Trindade. É uma espiritualidade essencialmente relacional, preocupada com tudo o que foi criado.

Nessa espiritualidade, o ser humano percebe a si mesmo a partir dos relacionamentos que desenvolve. “A amizade, a partir da compreensão da natureza trinitária de Deus, é um instrumento poderoso para o relacionamento com Deus e para o conhecimento de nós mesmos” (Sousa, 2017, p. 63). Ao falar da Trindade, é importante considerar o que há além dos aspectos funcionais e tratar do relacionamento, que só pode ser compreendido a partir de uma experiência comunitária de amor. Essa experiência vai além da razão. Envolve a pessoa por inteiro.

Isto significa que se aprende mais sobre Deus e o relacionamento Pai, Filho e Espírito, quando se vivencia a comunhão: a ação de dar e receber, perdoar e ser perdoado, sem visar controle ou poder. Grenz (2008), diz que os pós-modernos querem ver pessoas que vivenciam relacionamento verdadeiros, terapêuticos e autênticos. Nesse sentido, além de aprender com a Trindade, é válido abordar o tema dos outros relacionamentos na Bíblia, que estão longe da perfeição, mas são, por vezes, incentivo para a reconciliação, respeito e amor. Isso é possível perceber no discurso do apóstolo Paulo falando sobre o Corpo de Cristo em 1 Coríntios 12-14 e essa metáfora é utilizada, também, em Colossenses 1 e 2 e em Efésios 4.

A comparação que ele faz é bem pertinente para a contextualização hoje, pois demonstra a coletividade e pluralidade, ao mesmo tempo em que fala sobre pertencimento. Essa é, de fato, uma temática pós-moderna e celebra a diversidade de dons, ministérios, características recebidas quando se faz parte de um Corpo, que não é voltado para si, mas para servir às outras partes. O trecho de Efésios 4.11-13 é a ponte para a última parte deste ensaio, que aborda as ações.

Ao falar de que são diferentes as características ou dons ministeriais, Paulo ressalta a importância de um trabalho em conjunto para que todos alcancem unidade, maturidade e conhecimento do Filho de Deus, ou seja, para conhecer a Jesus é preciso andar em interdependência. Muitas igrejas ainda insistem em uma hierarquia enrijecida, na qual o(a) pastor(a) é responsável por todas as tarefas. É ele(a) quem cuida, ensina, visita, evangeliza, e a proposta paulina não é essa. Trabalhar essa consciência com os jovens é importante para que eles saibam que são participantes da Missão, além de possibilitar que não haja sobrecarga no trabalho da liderança e gerar bons frutos no futuro.

A interdependência envolve o “outro”. De acordo com o filósofo argentino Enrique Dussel, o outro é o que é exterior ao meu mundo, que não pode ser dito como totalmente conhecido pois, é “um mistério incompreensível em seu resto escatológico de liberdade enquanto me abrir a ele como outro homem” (Dussel, 1973, p. 116). Aqui, temos um ponto a ser refletido: na concepção moderna, parece que há um padrão a ser alcançado, em que, conforme mencionado, o(a)

pastor(a) é responsável por fazer tudo. Na ideia de Dussel e na pós-modernidade, é possível aplicar o ensinamento paulino de interdependência.

Essa liberdade do outro ser distinto de mim, além de demonstrar a diversidade, é importante por ser uma caminhada constante de aprendizado, já que, sendo o outro um mistério, sempre terá algo a ensinar. Conforme diz Dussel (1973, p. 133): “Nenhum discípulo é puramente discípulo, nenhum mestre é puramente mestre”. Diante disso, é imprescindível deixar a presunção de ser detentor de todo o conhecimento e buscar escutar quem é diferente. Seja diferente nos dons e características, seja diferente no tempo de caminhada, seja diferente no conhecimento bíblico.

Adotar essa postura, evidencia o reconhecimento de nossa humanidade e finitude. Aliás, o perfil do líder cristão do século XXI, que pode servir para todos os cristãos, de acordo com Henri Nouwen (2018), não é o autossuficiente, heroico, mas é o que se preocupa mais com as pessoas em suas vulnerabilidades do que com a relevância, o sucesso e o poder. Escutar o outro humildemente é um desafio em tempos em que todos só querem falar por meio das redes sociais, por estas proporcionarem algum tipo de voz, mas escutar faz parte da interdependência que resultará em amadurecimento.

Além da interdependência, pode-se dizer que é fundamental incentivar uma leitura bíblica que desenvolva o compromisso integral com o senhorio de Jesus. Isto é, “a leitura bíblica não se resume à compreensão dos sentidos do texto, mas envolve a vivência desses sentidos possíveis” (Zabatiero, 2017, p. 150). Como o próprio autor propõe, o conhecimento não se restringe ao cognitivo, mas envolve a ação, o sentir e o viver, ou o *saber-fazer*, *saber-sentir*, *saber-viver*. Aqui é possível observar novamente a abordagem das características pós-modernas, que não são exclusivamente relacionadas ao racional, mas consideram a integralidade da vida.

Em 2017, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio de 3 meses na Holanda e, durante uma visita em uma igreja, uma senhora, com pesar, me disse: “Nós ensinamos a Bíblia para nossos filhos desde crianças, mas

ao irem para a faculdade ou trabalharem em outra cidade, nunca mais voltaram à igreja”. Não tenho intenção de entrar no mérito de supor que frequentar a igreja deve ser o parâmetro para a maturidade da fé de uma pessoa — esse assunto poderia compor outro texto —, mas, de uma forma ou de outra, essa fala reflete a realidade na qual vivemos. Sendo assim, parece ser importante uma leitura e interpretação da Bíblia que vá além do racional e é integral: envolve relacionamentos, sentimentos, vivências que reforcem o compromisso com Jesus.

Comprometer-se integralmente com o senhorio de Jesus também é comprometer-se uns com os outros em postura de serviço (Jo 13.3-17, Fp 2.8-11). Novamente, estamos diante de um paradoxo, porque, mesmo com uma concepção de comunidade ou de grupo, falar em serviço no século XXI talvez seja confrontador, pois é um momento no qual a tecnologia avança justamente para servir ao ser humano e, assim, se corre o risco de ter uma indisposição para servir aos outros. Porém, as Escrituras são, também, para exortação, correção e mudança de vida (2Tm 3.16-17). Como já dito há pouco, o serviço ou trabalho interdependente é para a unidade, amadurecimento e conhecimento do Filho. Portanto, uma leitura comprometida integralmente com o senhorio de Jesus está ligada diretamente com a interdependência.

Considerações finais

Ao continuar a leitura do trecho de Efésios 4, observa-se que Paulo coloca, como propósito da maturidade, impedir que o indivíduo seja levado por qualquer vento de doutrina. Isso é especialmente desafiador na pós-modernidade, pois, como destacado anteriormente, a diversidade e pluralidade são características deste tempo. Entretanto, parece que, mais eficiente do que combater de forma ferrenha o que é pós-moderno, é saber dialogar de forma a conduzir os jovens à maturidade, em meio ao contexto atual. Isso só é possível ao conhecer a realidade e as necessidades locais, o que torna fundamental uma reflexão teológica a partir do olhar brasileiro.

Diante do que foi considerado neste ensaio, pode-se levantar alguns questionamentos que exigem um olhar para a realidade local: Como é nossa relação com a criação e o como temos abordado esse tema com nossos

jovens? Como é nossa relação comunitária e como temos tratado a questão da diversidade de dons e características? Como temos feito e ensinado uma leitura bíblica que visa o comprometimento integral com o senhorio de Jesus, que é refletido na interdependência, em humildade, vulnerabilidade e no serviço ao outro? As respostas para essas perguntas podem gerar outras perguntas, bem como instigar ideias, mas espero que, por meio delas, seja possível ajudar jovens a alcançar a maturidade da fé, com a medida da plenitude de Cristo.



Sobre o autor

Felipe Nakamura é Mestrando em Educação na Universidade Estadual de Londrina; Graduado em Teologia; Tutor na Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: felipe.nakamura@ftsa.edu.br

Referências bibliográficas

DANIEL, John. *Educação e tecnologia num mundo globalizado*. Brasília: UNESCO, 2003.

DUSSEL, Enrique. *Para uma ética da libertação latino-americana I: Acesso ao ponto de partida da ética*. São Paulo: Edições Loyola-UNIMEP, 1982.

GONZÁLEZ, Justo L. *Desafios do Século XXI para o pensamento cristão: esboços teológicos*. São Paulo: Hagnos, 2014.

GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

NOUWEN, Henri J. M. *O perfil do líder cristão do século XXI*. 4. ed. Curitiba: Editora Atos, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: o sentido da espiritualidade cristã*. Viçosa: Ultimato, 2017.

ZABATIERO, Julio. *Hermenêutica contextual*. São Paulo: Garimpo editorial, 2017.



Você também é

vocacionado(a) para servir
no Reino de Deus

www.ftsa.edu.br

GRADUAÇÃO EM

TEOLOGIA

INSCREVA-SE PARA

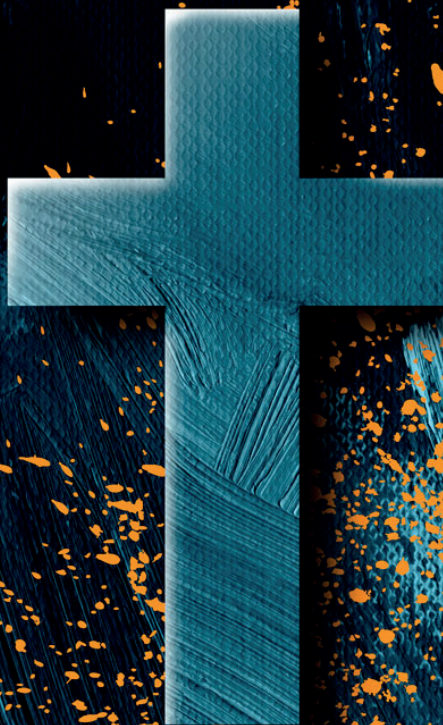
O CURSO PRESENCIAL

(43) 3371-0200 | ftsa.edu.br



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus



[Práxis 07 (2020) 42-53]

A MENSAGEM DA CRUZ PARA A IGREJA
CONTEMPORÂNEA E SEUS POSSÍVEIS SIGNIFICADOS
A PARTIR DOS EVANGELHOS

Por Mariana E. Schiatti

A MENSAGEM DA CRUZ PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA E SEUS POSSÍVEIS SIGNIFICADOS A PARTIR DOS EVANGELHOS

POR MARIANA E. SCHIETTI

Introdução

Se existe uma informação que todos os cristãos têm, desde o início de sua caminhada na fé, é a de que o Jesus no qual cremos morreu numa cruz. Além disso, certamente já ouviram ou já leram nas escrituras que, porque cremos nele, devemos tomar a nossa cruz e segui-lo. E pode-se dizer que a mensagem das cruz é central nos evangelhos. Isto porque, é uma das poucas exposições em que Jesus é incisivo com os adeptos de sua mensagem, tomar a cruz antes de segui-lo é uma condição a todos (Mt 16.24, 10.38; Mc 8.34; Lc 9.23, 14.27), as particularidades com que Jesus costuma tratar cada grupo, em cada milagre e em cada ensinamento, não se aplicam aqui. Tomar a cruz é necessário para qualquer quem quer que seja, que deseje segui-lo. Portanto, permanece como uma tarefa de toda a Igreja ao longo da história.

A problemática reside no fato de que poucos fiéis conseguem definir em termos práticos o que significa tomar a sua cruz e segui-lo. Perguntas como “o que isso tem a ver exatamente com meu dia a dia? Com minha casa, meu trabalho, meus estudos, minhas redes sociais etc.?” não conseguem ser claramente respondidas. A falta de resposta para uma pergunta aparentemente tão simples para os seguidores do crucificado demonstra a emergência de revisão do tema nas comunidades cristãs contemporâneas. Principalmente porque, não é possível falar em Jesus sem falar na cruz.

Resgatar e ressignificar a mensagem da cruz a partir dos evangelhos, a fim de propor um norte as comunidades cristãs contemporâneas, é o que se pretende neste ensaio. Não de forma exaustiva, pois exigiria muitas páginas e, mesmo assim, sempre haveria algo mais a ser pensado sobre a temática da cruz. Tampouco se pretende propor que este é o significado único da cruz.

Certo que não é. Mas, esta é uma tentativa de ultrapassar a questão conceitual clássica, de forma que os significados se tornem práticos e impliquem em um estilo de vida que tem a mensagem bíblica da cruz como paradigma. O objetivo principal deste ensaio é que, ao final, o leitor possa ter aberto seus horizontes sobre o valor e a profundidade desta mensagem para dias como os nossos e possa, da mesma forma, torná-la uma prática de vida.

A cruz que tirou o pecado do mundo

Antes de apresentarmos uma hermenêutica evangélica sobre cruz, digo baseada nos Evangelhos, cabe pontuarmos, e superarmos, algumas questões sobre as teologias clássicas da cruz. Richard Rohr em sua obra *O Cristo Universal* traz um capítulo específico (cap. 12) sobre elas e suas implicações na vida dos cristãos atualmente. No sentido das implicações práticas dessas teologias, Rohr ressalta uma aparente postura de gratidão dos fiéis a Jesus, mas de pouco empenho em imitá-lo honestamente – e neste sentido, penso ser pela falta de uma compreensão evangélica sobre a cruz e seu reflexo na vida cotidiana – além da ideia, inconsciente talvez, de um Deus frio e distante que, por amor, pune seu filho no lugar dos outros. Um Deus que precisa de sangue para aplacar sua ira. Concordo com Rohr de que a teoria da expiação dos pecados, a mais clássica possivelmente, pode ter nos desviado a atenção dos demais efeitos que a mensagem da cruz deve causar na vida cristã. A cruz como simples expiação de pecados se torna passiva, enquanto a cruz como modelo de vida precisa ser constantemente ativa. Por isso, é necessário redescobriremos este tema bíblico fundamental à fé cristã.

É comum ouvirmos falar sobre a cruz que tirou o pecado do mundo. A cruz que condenou o inocente. A cruz reconciliou o mundo com Deus. A cruz que trouxe salvação. E, conseqüentemente, é comum vermos essa mesma cruz sendo o símbolo identificador dos cristãos. Ela está presente em diversos espaços, está presente na arte, nos objetos de decoração, nos acessórios da indústria da moda e assim por diante, basta olhar ao nosso redor e logo encontraremos alguma. Seja vazia, seja com Cristo ainda nela, não importa. Ela está ali. Entretanto, não foi a cruz que tirou o pecado do mundo, foi quem morreu nela que subverteu a consciência do pecado. Não

foi a cruz que condenou o inocente, foram pessoas que utilizam a cruz como forma de punição do inocente. Não foi a cruz que trouxe salvação, foi o que aconteceu antes dela e depois dela por meio da encarnação do próprio Deus. A cruz por si só, sem o que ela representa, não é nada mais além de um objeto de tortura e punição muito utilizado pelo Império Romano nos dias de Jesus.

Ainda que a teologia Paulina permita uma visão da cruz a partir de uma cristologia alta, o que vemos muitas vezes é um abuso dessa teologia, que fez seu significado se tornar simplista e romântico. Carregada de mistérios que não permitem questionamentos e, portanto, não abrem caminho para explicações, a cruz acaba não surtindo efeito algum na vida cotidiana. Neste sentido, a morte do Cristo teria tirado o pecado do mundo como uma mágica, apenas porque Deus precisava do sangue inocente para conceder perdão, como reflete Rohr (2019) denominando o enredo de “mito da violência redentora”. A teoria, portanto, propõe que a cruz tem muito mais a ver com Deus do que conosco. Mas não é isso que Jesus alerta aos seus discípulos durante seu ministério terreno. Ao contrário, a cruz, a partir dos relatos sobre Jesus nos evangelhos está muito mais ligada à nossa humanidade e às nossas necessidades do que a Deus e suas necessidades divinas.

Portanto, passamos à análise dos possíveis significados da cruz nos evangelhos, utilizando ainda o alerta de Rohr (2019, p. 140) de que “é hora do cristianismo redescobrir o tema bíblico mais profundo da justiça restaurativa que se concentra na reabilitação e reconciliação e não na punição”.

A cruz nos evangelhos: uma denúncia aos equívocos humanos

Nos evangelhos sinóticos vemos a marca expressiva da cruz antes mesmo do evento da crucificação de Jesus de Nazaré. Independente da escrita tardia dos evangelistas, Jesus é narrado durante seu ministério indicando tal caminho. Mateus 16.24 relata: “Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”. Marcos 8.34, por sua vez, escreve: “Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”. Por fim, em Lucas 9.23 temos: “Dizia a todos: Se

alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me”. Está claro que só há um caminho para os que desejam seguir a Jesus, e este caminho é o da cruz. Além disso, segundo o evangelista Mateus, Jesus foi mais a fundo com a questão da cruz dizendo: “Quem não toma a própria cruz e não me segue, não é digno de mim”.

Os versículos são categóricos, não abrem espaço para negociação. A cruz foi e é elemento indispensável na vida dos que desejam caminhar com Cristo. E é preciso lembrar que os discípulos estão recebendo essas instruções no contexto da Palestina do primeiro século, dominada pelo Império Romano, que utiliza a crucificação como punição para os piores marginais, principalmente para “aqueles que se opunham ao sistema de dominação vigente” (Proença, 2001, p. 38). A cruz é resultado de uma sentença condenatória que pretende torturar o réu diante de toda a sociedade, demonstrando sua vergonha, sua humilhação, seu fracasso enquanto ser humano e o merecimento da morte na sua forma mais sofrida, além de querer demonstrar quem são aqueles que mandam. É o espetáculo de horror que o condenado deve proporcionar ao público que o assiste desde o início, enquanto carrega seu objeto de tortura, até o fim, quando o torturado já não pode mais suportar sua existência e se entrega à morte. Os telespectadores deviam sentir medo dos dominadores e respeitá-los para não acabar naquele mesmo lugar. Isto era, até então, o que os discípulos de Jesus conheciam sobre a cruz.

A grande questão é: Por quê? Por que era preciso carregar essa cruz, melhor dizendo, carregar essa vergonha, essa dor, essa humilhação e essa condenação? Por que ainda hoje somos convocados a isso, caso nosso desejo seja ser um discípulo fiel ao Cristo?

Os próprios evangelistas demonstram a resposta. No primeiro anúncio de Jesus sobre seu sofrimento ele afirma “que era necessário ir a Jerusalém, sofrer muito por causa dos anciãos, chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia” (Mt 16.21). Jesus não afirma que é necessário sofrer para que seu Pai perdoe o mundo, tampouco afirma que precisa sofrer porque Deus está cobrando uma dívida. Mas sim que “O filho do homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, chefes

dos sacerdotes e doutores da Lei, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia” (Lc 9.22). Aqui a sua crucificação é um problema com a própria religião de seu tempo e o estilo de vida que Jesus levaria. É um problema com aqueles que determinam o certo e o erro, que determinam quem é o aceito e quem é o rejeitado por Deus. Por esses, os conhecedores da Lei, os seguidores assíduos da religião, os autointitulados puros, é que Jesus irá sofrer. Rohr afirma “a visão do Cristianismo sobre Deus era uma ruptura radical com a maioria das religiões antigas”, ousou dizer que a mais impactada com essa ruptura era o judaísmo, pois era neste meio que Jesus estava inserido; ele era um judeu! Mas esse sofrimento também irá demonstrar, após o terceiro dia, quão incapaz é esse sistema de julgar e condenar uma vida em nome de Deus, como faziam e como ainda fazemos. Vivemos, até hoje, julgando o mundo em nome de Deus.

Antes de nos aprofundarmos na cruz em si, vale ressaltar que pós essas declarações, Jesus apresentou dois paradoxos interessantes: 1) Aquele que perdeu a vida por causa dele, na verdade a encontrou (Mt 16.25; Mc 8.35; Lc 9.24); 2) Em contrapartida, aqueles que acham que ganharam o mundo na verdade se destruíram (Mt 16.26; Mc 8.36; Lc 9.25). Estes textos demonstram que o caminho da cruz é, a bem da verdade, uma consequência da escolha de seguir a Jesus em sua ética de vida, isso porque segui-lo exige uma postura semelhante que, na maioria das vezes, é subversiva ao que a sociedade espera e requer de cada um de nós. Aqui o conceito de vida e sucesso são colocados em xeque. Segundo Storniolo (2009, p. 98) trata-se de uma questão de escolha “entre o projeto e a glória de Jesus e os projetos e a glória do mundo”, de certo que escolher a glória de Jesus será escândalo para o mundo. Por isso, ganhar o mundo e ganhar a vida da forma planejada pelo próprio Deus é – arrisco uma afirmação categórica – impossível.

Se fizermos um breve apanhado dos relatos dos evangelistas sobre Jesus, encontramos uma série de comportamentos problemáticos para seu tempo como, por exemplo: comer e beber ao lado de pecadores, ter proximidade com mulheres como Maria Madalena, Marta e Maria, mais grave ainda, a samaritana, a quem se revelou durante uma conversa particular no poço. Jesus não para por aí, coloca em meio aos seus discípulos um cobrador de

impostos e pescadores, profissões consideradas sujas para os judeus escrupulosos de seu tempo. Quantas são as cenas em que Jesus é relatado praticando atos proibidos aos sábados, recolhendo espigas de milho durante seu caminho, entrando à casa de um fariseu e iniciando sua refeição sem lavar as mãos; este último poderia ser a maior das afrontas para um religioso que passa sua vida toda preocupado com a purificação. O comportamento problemático de Jesus, entretanto, é um grito de vida. É um salto em defesa daqueles que são incapazes de cumprir as minúcias da Lei e, por isso, são tidos como pecadores, rejeitados e amaldiçoados por Deus, que tendem a ser condenados por afrontarem o sistema com sua sujeira. Este caminho de confronto, de rejeição por parte dos “aceitos” da sociedade, de humilhação por parte dos mestres, conhecedores do bem e do mal, é o caminho sobre o qual Jesus afirma: aquele que não está preparado para combatê-lo, não é digno de mim!

Neste sentido e falando mais propriamente sobre o evento final da morte de Jesus, Zabatiero (2019, p. 126-137) afirma que o episódio da cruz é aquele que interrompe a vida na sua concepção humana. A cruz é, portanto, a interrupção da calculabilidade humana aplicada à vida. Ela é a expressão máxima do equívoco da sabedoria e da justiça humanas colocadas em prática. O próprio Deus, a partir dos cálculos dos dominadores foi considerado culpado, mercedor de tortura e morte.

Quando o próprio Deus é condenado a morrer numa cruz, podemos afirmar que Deus, em Jesus, se recusou a seguir os padrões de vida que lhes foram impostos, padrões que soterravam a dignidade humana de uns em prol do sucesso e do bem-estar de outros. Rohr (2019, p. 46) sobre a cruz entende que: “Deus não é violento – nós somos. Não é Deus quem deseja sofrimento humano – nós desejamos. Deus não precisa e nem quer sofrimento – nem em Jesus, nem em nós”.

Jesus preferiu se entregar ao sofrimento e à morte, mesmo sem merecê-la, para denunciar nossas maldades, para pôr fim a todo cálculo fundamentado nas teorias humanas. Jesus, ao sofrer inocentemente naquela cruz, denuncia o quanto os valores (legais, morais e religiosos) estavam invertidos. E sua ressurreição é a maior derrota da brutalidade que se encontra nesses valores.

Na ressurreição Jesus abre espaço para aqueles que desejam viver no bem. Seus ensinamentos, que geram vida plena e que expressam a vontade do pai, libertam o povo excluído, maltratado e marginalizado do peso da calculabilidade humana que lhes era imposto. Jesus na cruz é a maior representação de todos os rostos equivocadamente condenados à miséria humana, seja em qual esfera for.

A cruz é consequência de um modelo de vida a ser seguido, no qual a dignidade de todos é respeitada e os padrões mundanos são rejeitados. Sem dúvidas o mistério da cruz existe e é uma das maiores questões diante da leitura dos evangelhos: “Como foram capazes de condenar o próprio Deus?”, poderia ser uma pergunta inicial para esse mistério. Na cruz encontramos próprio Deus, que a todos criou e amou, abandonado e maltratado. Compreender essa ambivalência não é tarefa fácil. Mas de fato ela nos leva a atravessar da justiça humana para justiça divina, onde se inicia uma nova vida.

Ressignificando a mensagem da cruz

Ao passar da justiça humana para divina, Jesus demonstra que a justiça divina está além da humana. Enquanto a humana põe fim à vida por meio de padrões equivocados, Jesus propõe um Reino onde se viva em liberdade, onde o fardo é leve e o jugo é suave (Mt. 11.28-30). Portanto, carregar a cruz é carregar uma realidade, um comportamento, uma luta, uma causa, uma teologia, um amor. A cruz, segundo Boff (2003), se carrega mais do que nos ombros, no coração. É uma inquietação diária que não se rende aos padrões políticos, religiosos, culturais, que promovem exclusão, divisão, tristeza e privilégios. Nisso consiste o verdadeiro papel das comunidades cristãs: se unirem para diariamente, em todas as suas ações e reações, ressaltarem o amor, a aceitação, a plenitude de vida, que encontramos em Jesus.

A mensagem da cruz convoca a Igreja a ter um olhar diferente para o mundo. Um olhar semelhante ao de Jesus, que não espera aprovação e status social, mas luta para promover a vida, onde as estruturas colocam morte. Que rejeita o hábito de calcular a vida com base em elementos tão supérfluos, que são exteriores e ignoram o que é interior. A decisão pela cruz exige amor

e entendimento. Jesus certamente não é um sádico que deseja ver pessoas optando pela cruz pelo mero prazer de vê-las sofrer. Ao contrário, o desejo de Jesus é que no caminho da cruz a pessoa se depare com a libertação do sofrimento, da opressão e da escravidão. O fim da dor e o início de uma vida digna e plena. Afinal, Jesus ressuscitou e provou que esses padrões são incapazes de nos destruir. Há vida mesmo após a condenação humana.

Essa deve ser a boa nova que se encontra nas comunidades cristãs, pois Deus não faz parte das injustiças e da impiedade deste sistema. Ele se coloca como condenado para sofrer junto com os que sofrem. Assim, qualquer ato, palavra e comportamento que expresse violência, física ou moral, não vem da parte de Deus, ainda que os violentos usem seu nome, Deus não está ali. Boff (2003, p. 36) explica que o assassinato de Jesus é fruto de um duplo processo: o religioso, que o acusação de blasfêmia e falso profetismo, e o político que o acusou de ser subversivo e guerrilheiro. Segundo essas duas classes Jesus deveria ser condenado. Quanto a primeira, afirmavam que sua condenação era em nome de Deus. “Se Jesus quisesse ser fiel ao Pai, a si mesmo e às pessoas em quem suscitara as esperanças radicais do reino, deveria contar com a inevitabilidade da perseguição e do fim violento” (Boff, 2003, p. 37).

A mensagem da cruz não é um convite egocêntrico ao sofrimento e à passividade, como dizem: “essa é minha cruz, fazer o que?”. Diferente disso é um chamado à luta comunitária pela vida plena de todos os seres humanos. Fidelidade a Deus é fidelidade à integralidade humana e às particularidades pertinentes a ela. Trata-se de fidelidade aos valores éticos e morais pregados e vividos por Jesus.

Enquanto igreja precisamos compreender que, na prática, carregar a cruz é saber dizer não para comportamentos comuns como, por exemplo: explorar a mão de obra barata com salários desumanos; é dizer não ao discurso religioso que explora pessoas que mal conseguem arcar com necessidades básicas, propondo um Deus que barganha bênçãos; é dizer não à busca incansável pela beleza que agride o corpo; é dizer não para uma rotina desumana de trabalho que te faz perder a intimidade do seio familiar. Por fim, é não ter medo de arcar com as consequências dos muitos não que são necessários

para viver a plenitude da vida. Toda e qualquer rotina de vida, filosofia de vida, palavra e ação, que vão contra os valores do Reino, negam a cruz.

Em tempos como o nosso, a comunidade cristã que estimula um estilo de vida entregue aos padrões contemporâneos, onde sucesso financeiro, status, beleza e aprovação social medem a benção de Deus, precisa urgentemente resgatar e relembrar a mensagem da cruz. Pois esses são padrões que estão destruindo seres humanos e condenando, dia após dia, milhares que não se encaixam. São padrões que destroem famílias, que afastam membros de suas igrejas, que levam à depressão, ao suicídio, ao esgotamento. O ensino radical de Jesus sobre o amor demanda a cessão de toda forma de exclusão, condenação e ódio, onde ninguém deve ser julgado e condenado pela maneira que se veste, pelo que come, por sua cor, raça, credo, orientação sexual ou pelas músicas que ouve, pela profissão que têm ou que resolveu deixar de ter.

Um belo exemplo trazido por Pagola (2014, p. 331-334) sobre o impacto das rupturas propostas pela cruz, está em Simão, o “Cananeu”, que possuía muito zelo no cumprimento da Torá. E que para poder seguir a Jesus precisou abrir mão de seus excessos com a Lei e aceitar Levi em seu grupo, que era um arrecadador de impostos, portanto, um impuro, também teve de aceitar se associar a publicanos, prostitutas, doentes, samaritanos e muitos outros que Torá, como interpretada naquele tempo, exigiria distância.

Conclusão

Ao final deste ensaio já é possível desconstruir algumas falsas ideias sobre a cruz, afirmando o que *ela não é*, a partir dos evangelhos: (1) apenas um símbolo que se carrega como identificação de um grupo; (2) um fardo pesado que se carrega por obrigação e medo; (3) um pedido de autoflagelação e auto vitimização, em que o sujeito se submete às situações adversas da vida pensando que essa é a cruz que Deus lhe entregou; (4) uma simples lembrança diária de que nossos pecados estão perdoados pelo evento que se deu no Calvário; tampouco, com isso, (5) um passe livre para autodestruição na vivência dos prazeres intermináveis que se encontram à disposição dos

humanos. A exigência de Jesus, segundo os evangelistas, de que devemos carregar nossa cruz diária para sermos dignos dele, não está relacionada a nenhuma motivação que tenha fundamentos e propósitos egoístas, egocêntricos, orgulhosos, interesseiros e destrutivos.

A cruz é a revelação do amor de Deus, não é o fim de tudo, não é o alvo último, mas é meio indispensável para o início de uma vida sob o reinado de Deus. O próprio Deus se colocou em meio aos condenados e superou a condenação ressuscitando após o terceiro dia para dizer que a decisão última sobre a vida é Dele e que Nele nenhuma condenação humana pesa sobre nós.

Por fim, a cruz nos liberta dos fardos pesados que a sociedade nos impõe. E o desafio da igreja é ter a coragem e a ousadia de pregar tal mensagem. No despautério da cruz as exigências, os padrões e a Lei, caem por terra. Aquele que deseja carregar a cruz e seguir a Jesus não se corrompe pelas ofertas de poder, sucesso e demais prazeres da vida. No carregar da cruz as escolhas mais simples são feitas: melhor a amizade do que o lucro, a família do que o dinheiro que se ajunta com horas intermináveis de trabalho, a ajuda ao próximo do que o acúmulo infundado, a convivência com os considerados impuros do que a repetição de ritos religiosos de purificação sem sentido. Na cruz, os seguidores de Cristo são desafiados a suportar qualquer acusação por terem escolhido a vida leve e o jugo suave, por terem escolhido a convivência amorosa e respeitosa com o diferente, por terem escolhido se aproximar e se tornar íntimos dos mais improváveis como fez Jesus com seus companheiros de ministério.



Sobre a autora

Mariana E. Schietti é Doutoranda em Teologia pela PUC-PR; Mestre em Teologia pela PUC-PR; Bacharel em Teologia e em Direito; Tutora na Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com a autora: mariana.schietti@ftsa.edu.br

Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. *A cruz nossa de cada dia: fonte de vida e de ressurreição*. Campinas: Verus, 2003.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica* 7ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PROENÇA, Wander de Lara. *Cruz e ressurreição: a identidade de Jesus para nossos dias*. Londrina: Descoberta, 2001.

ROHOR, Richard. *The Universal Christ*. How a forgotten reality can change everything we see, hope for, and believe. New York: Convergent Books, 2019.

TASKER, R. V. G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

ZABATIERO, Júlio P. T. Mantovani. Teologia da cruz. In: *Teologia e Sociedade*, vol. 1, nº 13 (2019), pp. 126-137.

PREPARANDO VIDAS PARA SERVIR O **REINO DE DEUS**



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA
Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

[43] **3371-0200**



www.ftsa.edu.br



[Práxis 07 (2020) 55-65]

DAS INTERPRETAÇÕES E REALIDADES: O DESAFIO CONTEXTUAL

Por André Borges



DAS INTERPRETAÇÕES E REALIDADES: O DESAFIO CONTEXTUAL

POR ANDRÉ BORGES

Introdução

O que vemos a partir de olhares interpretativos é experimento de caracterização dos tempos, realidades, é decifração dos jogos da vida com esferas que nos circundam. Considero também que é anseio, desejo e ambição de alocar-se de modo relevante no *modus operandis* que incide, e isso não deixa de ser um estilo artístico do humano que procura evitar a nostalgia e angústia, traçando um sentido existencial. Nessa petulância, conscientizamos, problematizamos, libertarmos, operamos. Obtemos jogo analítico da vida com e no mundo (*práxis*). Pondero que isso é a dinâmica científica, que de modo algum foge aos critérios do perpetrar teológico. Um dos maiores teólogos do século XX, Karl Barth, explicitou isso muito bem quando trabalhou a dinâmica eclesial em seu livro *Esboço de uma dogmática*:

(...) Ciência é um ensaio de compreensão e de representação uma busca e um ensinamento relacionados a um objeto e a uma atividade determinados. Nenhum esforço desse gênero pode ter a pretensão de ser algo mais do que uma tentativa e, ao dizermos isso acerca da própria ciência, não fazemos nada mais do que sublinhar sua dupla natureza: ela é provisória e limitada. (...) Em cada ciência encontram-se associados o estudo do objeto e sua aplicação a um campo de atividade, pois, nenhuma ciência se reduz à teoria pura ou somente à prática que dela se origina. (Barth, 2006, p. 7-8)

Desse modo, desejo evidenciar, a seguir, como advém o jogo dessas questões que acabo de destacar e que aprecio como proeminente para a dimensão da contextualização. Para tanto, no domínio das interpretações e realidades, minha análise é uma entre muitas. Nesse movimento, o leitor é convidado a concordar e discordar.

Das interpretações e realidades

Contextualização é um tema árduo, que ganha tons de complexidade na pós-modernidade. Nesse sentido, surgem a rigor tanto interpretações quanto análises das realidades do tempo atual, tão importantes ao tema. Uma elementar corrente interpretativa que destacaremos trabalha com a petulância de ensaios que tentam decifrar a era pós-moderna, porém, não fecha questão com nenhuma linha, pelo contrário, seu teor é justamente despontar que supostas caracterizações da pós-modernidade escapa pelas tentativas e tentações conceituais. Assim, o ramo conceitual, para ordem das interpretações e realidades serve para fundamentar a suspensão e transição – tarefa paradoxal –, não à toa, dentre as expressões usadas para se referir ao fenômeno, encontramos: *não-lugares* (Augé, 1994), *líquido* (Bauman, 2017), *suspensão da alteridade* (Han, 2017), entre outras. Assim, o filósofo Gianni Vattimo expõe, em seu livro *A sociedade transparente* (1992), o porquê dessa empreitada interpretativa paradoxal. Nesta obra, ele ratifica a exigência das anedotas pós-modernas, para um novo emanar hermenêutico, tarefa essa destinada aos sujeitos e instituições que ambicionam a empreitada contextual. Assim, Vattimo nos diz que:

A filosofia entre os séculos XIX e XX criticou radicalmente a ideia de história unitária revelando precisamente o carácter ideológico destas representações. Assim, Walter Benjamin, num breve escrito de 1938 (*Tesi sulla filosofia della storia*), afirmou que a história como curso unitário é uma representação construída pelos grupos, e pelas classes sociais dominantes. De facto, que se transmite do passado? Nem tudo o que aconteceu, mas apenas aquilo que parece relevante: por exemplo na escola estudamos muitas datas de batalhas, tratados de paz, revoluções; mas nunca nos narraram as transformações do modo de nutrição, do modo de viver a sexualidade, ou coisas semelhantes. Assim, aquilo de que fala a história são as vicissitudes da gente que conta, dos nobres, dos soberanos, ou da burguesia quando se torna classe de poder: mas os pobres, ou os aspectos da vida que são considerados “baixos”, não “fazem história”. Se se desenvolvem observações como estas (segundo uma via iniciada, antes de Benjamin, por Marx e Nietzsche) chega-se à dissolução

da ideia de história como curso unitário; não há uma história única, há imagens dos passados propostas por pontos de vistas diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar, todos os outros (como seria a história, que engloba a história da arte da literatura, das guerras, da sexualidade, etc.) (...) O ideal europeu de humanidade revelou-se como um ideal entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode, sem violência, pretender valer como verdadeira essência do homem, de qualquer homem. (Vattimo, 1992, p. 9-10)

Esse breve fragmento de Vattimo revela o surto de suspensão e negação das interpretações “absolutas” das realidades. Nesse aspecto, o modo de explicar a pós-modernidade como uma condição niilista ganha espaço, ou seja, todos os valores e decifrações objetivadas estão perdurados, e essa condição desemboca no perspectivismo ou relativismo, condição essa que revela realidades e negação dos condicionamentos unívocos. Esse panorama que acabo de apresentar é uma admissível leitura das realidades na atualidade, e merece apreço no que tange a contextualização. Tomás Halík (2018), Jürgen Habermas (2013), Robinson Cavalcanti (1997), entre outros, são pensadores atentos para essas realidades e nos permitem um grande leque de exposições para pensar a contextualização da igreja. A partir desses autores, notamos faces eclesiais que podem nos oferecer um modelo de igreja perspectivista, igreja dialogal, igreja ecumênica, igreja relativista e outras fisionomias que merecem atenção. No livro, *Não sem esperança*, de Halík (2018), nota-se certas confissões que consentem o pensar da igreja em tons perspectivistas, “o resultado não precisa ser um ceticismo absoluto, mas poderia nos levar ao perspectivismo – ao reconhecimento de que todos nós contemplamos a realidade sob determinada perspectiva e que justamente por isso precisamos de um diálogo em respeito mútuo do qual ninguém pode ser excluído” (Halík, 2018, p. 39).

Nesse sentido, *igreja perspectivista* é uma possibilidade contextual, nela não há resquício algum de moldes do cristianismo antigo e medieval, pois não se considera detentora da verdade, é totalmente aberta para dúvidas, incertezas, questionamentos, e, dentre todas essas fissuras, sua mensagem pretende dialogar, não impor. Por outro lado, o perspectivismo carece ser esmiuçado

e ruminado a partir do próprio Nietzsche, esse que influência em demasia Halík. Cabe notar, que uma igreja nesses padrões jamais tenderia ao projeto humanista moderno, o qual visa otimismo cientificista (Halík, 2018). O desafio que fica perante tal questão, para pastores, líderes e pessoas que se interessam por essa vertente é estudar Nietzsche¹, Halík, Vattimo e apreender o mote perspectivista que anula toda vertente universal, permitindo a visão de *realidades*. Tal condição é uma excelente oportunidade para não ficar preso a referências exclusivamente religiosos. Rudolf Bultmann é um pensador que buscou nos alertar para tal condição. Esse teólogo deixa claro que se o movimento eclesial deseja contextualização, não pode ficar moderado na reminiscência primitiva, mas necessita de olhos cravados para o modo que os sujeitos se comportam na atualidade.

(...) O homem moderno, cujo pensamento tem sido modelado pela ciência (...) já não tem mais nada de mitológico. O homem se serve sempre de meios técnicos, que são o resultado da ciência. Em caso de enfermidade, recorre aos médicos e à sua ciência médica. Se se trata de assuntos econômicos e políticos, utiliza os resultados das ciências psicológicas, sociais, econômicas e políticas, e assim sucessivamente. Ninguém conta com a intervenção direta de poderes transcendentais. Desde logo, na atualidade se dão todavia, algumas reminiscências e algo com o renascer do pensamento primitivo e de superstição. Porém a pregação da igreja cometeria um erro se tomar em conta tais vestígios e se adaptar a eles. A natureza humana se manifesta na literatura moderna, como por exemplo, nas novelas de Thomas Mann, Ernst Jünger, Thornton Wilder, Ernest Hemingway, William Faulkner, Graham Greene e Albet Camus, ou nas obras teatrais de Jean-Paul Sartre, Jean Anouilh, Jean Giraudoux, etc., ou simplesmente nos periódicos. Por acaso vocês têm lido alguma vez que os acontecimentos políticos, sociais ou econômicos sejam ocasionados por poderes sobrenaturais como Deus, os anjos ou os

1 O livro *Nietzsche: civilização e cultura* (2005), do autor Carlos A. R. de Moura, é um excelente para entender o perspectivismo nietzscheano. Além disso, temos o livro, *Labirintos da Alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral* (1997), do Filósofo brasileiro Oswaldo Giacoia Júnior, permite uma compreensão ampla no que tange a esfera religiosa nietzschiana. O livro *Crer que se crê* (2018), do italiano Gianni Vattimo, também possibilita um panorama interessante sobre a realidade de um cristão perspectivista. E o livro *O anticristo* (2016), do próprio Filósofo Nietzsche, nos mostra a potencialidade de um cristianismo pensado pelo próprio autor, ou seja, mostrando as negatividades do discurso paulino, e exaltação da humanidade do Cristo, e da esfera relevante do Deus do Antigo Testamento.

demônios? Tais acontecimentos se imputam sempre a poderes naturais, seja à boa ou má vontade dos homens, seja à inteligência ou estupidez humanas. (Bultmann, 2008, p. 30)

Essa perspectiva de Bultmann, marcada pelo tom liberal, merece atenção para as análises contextuais, uma vez que a esfera eclesial se permita na abertura de leitura. Assim, a dinâmica eclesial é “tornar-se um lugar de aprendizado (...) e estudar com paciência até ela amadurecer para a tarefa que lhe foi confiada por Cristo: Ide e instruí todas as nações” (Halík, 2018, p.48). Temos que lembrar que a própria imagem de Deus é condicionada a interpretações: “A imagem de Deus numa sociedade depende sem dúvida da natureza e do lugar de quem imagina Deus. Existe um Deus dos clérigos e um Deus dos Leigos; Um Deus dos monges e um Deus dos seculares; Um Deus dos poderosos e um Deus dos humildes; um Deus dos ricos” (Le Goff, 2007, p. 11).

A contribuição do historiador Jacques Le Goff coincide com nosso texto, uma vez que enfatizamos que não existe leitura e realidade unívoca, pelo contrário, há uma pluralidade de condições sarapintadas que merecem atenção, justamente no que tange ao jogo da contextualização. Isso, de certa forma, é um alerta para o próprio fazer teológico, uma vez que na história temos leituras extremistas provocando espaços não-contextualizadores, fomentando o ódio, o preconceito, a exclusão. Desse modo, ponderamos que um bom caminho para uma práxis teológica contextual é a dialogicidade de leituras, interpretações e de realidades que nos cercam. Esse é um bom caminho para pensarmos a contextualização.

O que impede essa dialogicidade? Preconceito? Ódio? Medo? Nessa dinâmica, sabemos do valor que o conservadorismo obtém, merece respeito e espaço, e tem de fato relevância para atualidade. Assim, Halík através de um fragmento, nos ajuda a ampliar a visão de uma dialogicidade que colabora para o movimento contextual. Assim, ele nos diz que:

Um exemplo é o famoso diálogo do Cardeal Ratzinger com o Filósofo “da esquerda” Jürgen Habermas, que terminou com o consenso mútuo de que o cristianismo e o liberalismo atuais precisam um do outro, pois ambos os

lados conseguem corrigir seus desequilíbrios apenas por meio do diálogo recíproco. (Halík, 2018, p. 38)

Outro exemplo, que merece atenção, está atrelado ao movimento conservador neocalvinista, nele é possível verificar certa dialogicidade, ainda que seja um movimento extremamente crítico da revolução francesa e de suas derivações, ou seja, liberalismo e esquerdismo. Na própria teologia de Abraham Kuyper notamos certa dialogicidade de leitura, para compreensão da realidade:²

A Revolução Francesa, sonhando com a solução da questão social, introduziu, no entanto, um gravíssimo e perene problema de arquitetura social no ocidente, através de seu princípio emancipatório e suas duas crias gêmeas do individualismo liberal e do coletivismo socialista. A solução? Kuyper responderá: está no socialismo! A perplexidade será aqui desnecessária: O socialismo de Kuyper não é aquele concebido sob o influxo do princípio revolucionário, que ele denuncia com todas as suas forças, mas o socialismo concebido como a existência de uma sociedade viva e organicamente coesa, um “corpo” muitos membros, com funções diversas e interdependência. (Carvalho, 2020, p. 15-16)

Nossa ponderação não tende descartar o escopo teológico neocalvinista, no qual encontramos conceitos como o de *democracia cristã*, *esferas de soberania* e outros aspectos conceituais que sustentam esse movimento. No entanto, nossa intenção é mostrar como os movimentos de apropriações recorrem à amplitude das interpretações para análise das realidades. O próprio Kuyper realiza tal movimento quando se apropria do que ele considera bom do socialismo.

Até aqui minhas considerações tendem a alertar para as infinitudes de interpretações e realidades. No segundo momento quero evidenciar que esse movimento, em minha perspectiva, não pode se desvencilhar da prática.

² A palavra *realidade* está no singular devido Kuyper obter uma visão unívoca de mundo, pautada na soberania divina. No entanto, a leitura teológica desse pensador não escapa a esfera das interpretações, essas que são análises das realidades. Nossa intenção é mostrar a dialogicidade que ocorre no conservadorismo, e isso não é condição provocativa, mas possibilidade de evidenciar o conservadorismo como aquele que tem seu espaço relevante na dialogicidade.

O desafio contextual

A esfera eclesial obtém o desafio de considerar o movimento contextual em quadro amplo, e isso é uma necessidade explícita como ponderei no primeiro momento desse ensaio. O movimento contrário trabalha como redução do conceito – contextualização – e embaraça a mensagem, ministério, missão e relação da igreja com a esfera pública. Em pleno século XXI, a igreja que aspira ser contextual não pode ficar reduzida às grandes estratégias missionárias de percepção unívoca, tendenciosa ao salvacionismo. *Contextualizar para salvar* é um slogan que, na minha percepção, expressa uma miopia eclesiológica. Cabe ponderar, também, que ser igreja contextual não é obter status de extremada relevância sobre a sociedade. Tal condição é *cupidez eclesial antiga*³ que denota volição de poder, e autoritarismo, sobre a sociedade civil, anulando toda harmonia, dialogicidade, negativizando as diferenças.

No entanto, considero também que a igreja contextual não pode ficar reduzida em interpretações e *análise das realidades*. Isso é um fator importante, no entanto, a igreja pode ter excelentes leituras, mas não ser encarnada com a sociedade, ser simplesmente expectadora e obter um olhar adormecido. Zygmunt Bauman nos alerta sobre o litígio da expectativa adormecida, condição essa que reflete sujeitos, sociedades e instituições pautadas na individualidade, egocentrismo e que dispensam toda responsabilidade do agir perante as *realidades circunstanciais* (Bauman, 2017).

Assim, denoto que a igreja não pode ser uma *expectadora adormecida*, se aspirar contextualização, tem que agir, se encarnar na realidade, saber que sua condição de contextualização não é *sobre a sociedade*, de visão teórica apenas, mas *com a sociedade*, ou seja, teoria não se desvincilhando da prática, teoria brotando com a prática, nascendo das realidades, promovendo interpretações que sejam em prol das realidades, vivenciando o movimento

3 Considero que a cupidez eclesial antiga, de raiz primitiva (II d. C. ao IV d. C.), é muito bem analisada no livro; *Cristãos, judeus e pagãos* (Frangiotti, 2006). Nesse livro, o autor proporciona a verificabilidade da barbárie cristã, essa que tem vontade de poder sobre a sociedade. Conseguimos nessa obra uma percepção referente aos pais da igreja, que não é romantizada e evidência muita morte e violência, em nome de Jesus. A obra de Frangiotti passa despercebida nos currículos protestantes. É uma excelente obra para novos olhares históricos justamente no que tange à percepção cristã.

de *práxis* (Freire, 2005). Nesse movimento, a igreja contextual obtém aberturas bibliográficas, pragmáticas, condições essas sempre vinculadas no que tange às *interpretações e realidades*. Essa condição de abertura⁴ que exponho, considera necessariamente diálogo com todas as religiões, opções de gêneros, modos de arte, progressos científicos, demandas políticas, sociais e culturais.

Assim, o que chamo de *movimento de abertura*, é consciência das interpretações e realidades em movimento pragmatizado. A questão não é somente olhares teóricos. Frei Betto pondera que a teoria distante da prática foi um erro eclesiológico no Brasil. Ou seja, em prol da ação missionária que visava a contextualização, a igreja católica, em meados de 1950 e 1960, promoveu excelentes intelectuais como o Padre Henrique Vaz – referência de pensador da realidade brasileira – e a instituição ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros – além disso, Frei Betto diz que: “Nós Cristãos, bebíamos sobretudo, a filosofia de caráter personalista como a de Bergson, do Gabriel Marcel, do Maritain, e do Emmanuel Mounier” (Beto; Freire, 1987, p. 26). Mesmo com essa riqueza teórica, não obtiveram boa contextualização com a realidade, pois, no olhar de Frei Betto, a igreja era para o povo, sobre o povo, e não com o povo, ou seja, não obtinham encarnação. A atenção que nos cabe é evitar o erro novamente. O leque de teóricos é necessário para a igreja contextual, isso instrumentaliza, possibilita reflexão profunda e trilhas saudáveis, portanto, para que isso seja eficaz, é necessário a *práxis*, teoria e prática andando juntas em *movimento de abertura*, diálogo e flexibilização.

Considerações finais

Finalizo esse artigo elaborando uma expressão, a partir de algumas palavras que considero relevantes nesse texto. Tal expressão quero chamar de *Abertura eclesiológica contextual*, essa que tem como função uma *práxis* eclesial profunda em reflexão, e ao mesmo tempo profunda em proximidade com as ruas, vielas, avenidas, margens, com as raças, tribos, nações, promotora de pontes, que rechaça preconceitos, desigualdades e é combatente pelos

4 A literatura de Tolstói é algo incrível para visualizarmos o que chamo de movimento de abertura nesse artigo. Deixo como indicação, o conto *Padre Sérgio* (Tolstói, 2001). Nesse conto, o leitor pode obter a percepção de uma leitura cristã enrustida, piedosa, santarrona, para uma abertura de um cristianismo de simplicidade da vida, concreto, sem tons metafísicos.

direitos humanos. Considero que essa *Abertura eclesiológica contextual* alarga os horizontes, não se atenta somente para a esfera transcendental, mas, luta no e com o mundo, pelos direitos de moradia, pela qualidade educacional, pelo posicionamento político em favor dos famintos, dos sedentos, dos marginalizados, dos esfarrapados. Contudo, essa *abertura eclesial contextual* é provocativa, vai além do púlpito, é geradora de círculos que dão espaço para vozes e discursos de todos(as) sujeitos(as) que pensam de modo análogo e dos que discorrem dissemelhantemente.



Sobre o autor

André Luiz Borges da Silva é Doutorando em Educação pela UEM, Graduando em Filosofia pela UEL, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana, onde atualmente trabalha como Tutor e Pesquisador.

Contato com o autor: andre.borges@teologia.com.br

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papiros, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. LEONCINI, Thomas. *Nascidos em tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BARTH, Karl. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BULTMANN, Rudolf. *Jesus Cristo e mitologia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

CALVALCANTI, Robinson. *A utopia possível*. Em Busca de um cristianismo integral. Viçosa, MG: Ultimato, 1997.

FRANGIOTTI, Roque. *Cristãos, judeus e pagãos: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIACCOIA, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto supressão da moral*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. São Paulo: Unesp, 2013.

HALÍK, Tomás. *Não sem esperança*. O retorno da Religião em Tempos pós-otimistas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CARVALHO, Guilherme. Introdução. In: KUYPER, Abraham. *O problema da pobreza*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média: Conversas com Jean-Luc Pouthier*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOURA, Carlos A. R. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

TOLSTÓI, Liev. *Padre Sérgio*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

VATTIMO, Gianni. *Crer que se crê: É possível ser cristão apesar da igreja?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VATTIMO, Gianni. *Sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus